

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE**

JEFFERSON DE SOUZA SANTANA

O EXERCÍCIO DO FILOSOFAR NA ELABORAÇÃO DE PROGRAMAS DE RÁDIO

SÃO PAULO

2018

JEFFERSON DE SOUZA SANTANA

O EXERCÍCIO DO FILOSOFAR NA ELABORAÇÃO DE PROGRAMAS DE RÁDIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.
Linha de pesquisa: Educação, Filosofia e Formação Humana

Orientadora: Prof.^a Dra. Cleide Rita Silvério de Almeida

São Paulo

2018

Santana, Jefferson de Souza.

O exercício do filosofar na elaboração de programas de rádio. / Jefferson de Souza Santana. 2018.

90 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2018.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Cleide Rita Silvério de Almeida.

1. Educação. 2. Comunicação. 3. Filosofia. 4. Pensamento complexo.

I. Almeida, Cleide Rita Silvério de. II. Título

JEFFERSON DE SOUZA SANTANA

O EXERCÍCIO DO FILOSOFAR NA ELABORAÇÃO DE PROGRAMAS DE RÁDIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.
Linha de pesquisa: Educação, Filosofia e Formação Humana.

São Paulo, ____/____/____

Presidente: Prof.^a Dra. Cleide Rita Silvério de Almeida (Orientadora) – Uninove

Membro: Prof. Dr. Antônio Joaquim Severino – Uninove

Membro: Prof. Dr. José Luís Vieira de Almeida – Unesp

A Mariana Martins Salvador, amada mãe.
A Elizabete de Souza Santana, amada mãe
biológica.
A Célia, Sônia, Simone, Selma e Daiane,
minhas queridas irmãs.
A Nivaldo Salvador, amado pai.
A Abimael Juscelino, padrasto querido.
A Cleide Rita Silvério de Almeida, que me
ensinou que a vida tem suas bonitezas e
complexidades.

AGRADECIMENTOS

À Uninove, pela oportunidade dada.

Aos professores José Eustáquio Romão, Marcos Antônio Lorieri, Antônio Joaquim Severino, Elaine Dal Mas Dias e José Luís Vieira de Almeida, mestres com quem muito aprendi.

Aos amigos e às amigas Grácia Lopes de Lima, Donizete Soares, César de Lucca, Ísis Lima Soares, Mariana Kz, Mariana Manfredi Magalhães, Tiago Santos Luna, Lúcia Adriano Monteiro, Sam Kusuki e Íris Maria Fernandes.

À comunidade da Escola Estadual “Prof.^a Lucy Anna Carrozo Latorre”, pela abertura e acolhida fraterna.

Reminiscência africana

*Minha mãe,
Tinha o perfume do café;
Negra bela...
Bela negra.
Minha mãe,
No sangue
Corria a dor da escravidão.
Minha mãe,
Deixou na minha memória
O balanço lento
Do mar africano.
(Gouveia Rodrigues)*

RESUMO

Esta dissertação visa a compreender o rádio como uma forma de exercício do filosofar. Examina o processo de produção de comunicação nas aulas de Filosofia de uma escola pública do estado de São Paulo, localizada no bairro Jardim das Flores, em Osasco, com alunos do ensino médio, desde o ano de 2014. As terminologias analisadas nesta dissertação foram cuidadosamente selecionadas levando em conta as explorações, observações e experiências transcritas em um vocabulário acadêmico, para que o leitor entenda o sentimento do espírito problematizador da pesquisa. O estudo teve como objetivo analisar o rádio como uma ferramenta de comunicação que colabora para o exercício do filosofar nas aulas de Filosofia. A condução do raciocínio desta pesquisa está na experiência do Projeto “Cala-Boca Já Morreu – porque também temos o que dizer!”, que há 22 anos trabalha com a educação pelos meios de comunicação, e da criação da Rádio Latorre, um projeto escolar idealizado nas aulas de Filosofia com o intuito de deslocar o estudante de consumidor de tecnologia para produtor de conteúdo por meio dela.

Palavras-chave: Educação. Comunicação. Filosofia. Pensamento complexo.

ABSTRACT

This dissertation aims to understand radio as a philosophical exercise. It examines the process of production of communication in Philosophy classes of a public school in the State of São Paulo, located in Jardim das Flores neighborhood, in Osasco, with high school students since the year 2014. The terminology analyzed in this dissertation was carefully selected taking into account the explorations, observations and experiences transcribed in an academic vocabulary so that the reader understands the feeling of a problematizing research spirit. Its objective were to analyze radio as a resource of communication that collaborates for the exercise of philosophizing in Philosophy classes. The research reasoning is conducted through the experience of “Cala-Boca Já Morreu Project – because we also have something to say!”, which has been working with education through the media for 22 years, and the creation of Radio Latorre, a school project idealized in Philosophy classes whose goal is to change the student role from technology consumer to content producer.

Keywords: Education. Communication. Philosophy. Complex thought.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Entregador de jornal explica a importância da produção de comunicação.....	14
Quadro 1 – Teses e dissertações do BDTD	24
Quadro 2 – Teses do Banco de Teses da Capes	24
Quadro 3 – Produção científica nos diretórios pesquisados	26
Quadro 4 – Seleção de trabalhos mais próximos a esta pesquisa nos anais da 35ª à 37ª Reunião da Anped.....	27
Ilustração 2 – Professor tenta transmitir os conteúdos acumulados ao aluno	41
Quadro 5 – Veículos de atuação do Projeto Cala-Boca Já Morreu	45
Ilustração 3 – A comunidade ouvinte da rádio participando da programação	49
Ilustração 4 – Apresentador imagina a forma como a informação chega à ouvinte.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Anped	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Caps	Centro de Atenção Psicossocial
CBMJ	Projeto Cala-Boca Já Morreu
CEB	Comunidade Eclesial de Base
CEU	Centro educacional unificado
CNE	Conselho Nacional de Educação
Eaacone	Equipe de Articulação e a Assessoria às Comunidades Negras do Vale do Ribeira
EE	Escola Estadual
ECA	Escola de Comunicações e Artes
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ETA	Espaço de Tecnologia e Arte
FSP	Faculdade de Saúde Pública
Gens	Serviços Educacionais e Formação de Grupos e Educação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
MEB	Movimento Eclesial de Base
MEC	Ministério da Educação
NCE	Núcleo de Comunicação e Educação
ONG	Organização não governamental
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
Saja	Sociedade Amigos do Jaguaré
SEB	Secretaria de Educação Básica
SEE-SP	Secretaria de Educação do Estado de São Paulo
Sesc	Serviço Social do Comércio
UCBC	União Cristã Brasileira de Comunicação Social
Ufba	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Campina Grande
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFPR	Universidade Federal do Paraná
Ufscar	Universidade Federal de São Carlos
Unifesp	Universidade Federal de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Breve histórico da Educomunicação	15
1.2 Objeto	19
1.3 Referencial teórico	20
1.4 Hipótese e objetivos	22
1.5 Metodologia	23
1.6 Pesquisas anteriores	23
1.7 Justificativa	28
1.8 Sobre os capítulos	29
2 O EXERCÍCIO DO FILOSOFAR	30
2.1 O exercício do filosofar apresentado pelos livros didáticos de Filosofia	30
2.2 O exercício do filosofar em Edgar Morin	33
2.3 O exercício do filosofar na Educomunicação	35
2.4 Orientações curriculares para o ensino médio	36
2.5 As ferramentas de comunicação no ensino de Filosofia	37
3 EXPERIÊNCIAS DO PROJETO CALA-BOCA JÁ MORREU – PORQUE NÓS TAMBÉM TEMOS O QUE DIZER!	42
3.1 O uso da comunicação na Educação, segundo os artigos 220 e 221 da Constituição brasileira	42
3.2 O nome do projeto	44
3.3 Programa “Cala-Boca Já Morreu”	44
3.4 Metodologia pedagógica do Projeto Cala-Boca Já Morreu	46
3.5 Atividades do Projeto Cala-Boca Já Morreu	48
4 ANÁLISE DO EXERCÍCIO DO FILOSOFAR EM PROGRAMA DE RÁDIO	50
4.1 Contexto de criação da Rádio Latorre	50

4.2 Declaração Universal dos Direitos Humanos à luz do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).....	53
4.3 Concepção de ensino da rádio escolar	54
4.4 A construção dos programas da Rádio Latorre	56
4.5 Rádio Latorre: entrevistas, matérias e programas dos quais participou.....	57
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICE A – REUNIÕES DO GRUPO GESTOR DO CBJM (ANOS 1990-2000)....	72
APÊNDICE B – I CONFERÊNCIA ESCOLAR DA EE “PROFª LUCY ANNA CARROZO LATORRE” (2013)	74
APÊNDICE C – PRIMEIRO ANO DA RÁDIO LATORRE (2013).....	75
APÊNDICE D – ENTREVISTA COM O DJ KL JAY NO SESC OSASCO (2014).....	76
APÊNDICE E – GRAVAÇÕES DA RÁDIO LATORRE E ROTEIROS DOS PROGRAMAS (2015)	77
APÊNDICE F – GRAVAÇÕES DA RÁDIO LATORRE (2016).....	81
APÊNDICE G – ENTREVISTA COM O COORDENADOR DO SESC OSASCO (2017)	83
ANEXO A – JORNAL CALA-BOCA JÁ MORREU (2000).....	84
ANEXO B – JORNAL CALA-BOCA JÁ MORREU (MAIO 2000).....	85
ANEXO C – JORNAL ACONTECE POR AQUI (JAN 2000)	86
ANEXO D – JORNAL ACONTECE POR AQUI (MAR 2000)	87
ANEXO E – PROJETO DA EE “PROFª LUCY ANNA CARROZO LATORRE” PARA A IV CONFERÊNCIA NACIONAL INFANTO-JUVENIL PELO MEIO AMBIENTE	88

1 INTRODUÇÃO

A leitura crítica é um esforço de divulgação popular, um instrumento para uma educação libertadora; pode e deve ser acessível a pessoas que venham das classes mais baixas e que cheguem ao curso sem conhecimentos prévios.

(KAPLÚN, 1987, p. 42, tradução nossa)

Esta dissertação conta com a inspiração de diversos eventos vivenciados por mim durante a infância e a adolescência, que me proporcionaram uma visão crítica de mundo em momentos distintos da vida.

Na década de 1990, quando estudava no 5º ano do ensino fundamental, comecei a trabalhar como entregador de jornal na Sociedade Amigos do Jaguaré (Saja), centro comunitário do bairro Jaguaré, zona oeste da cidade de São Paulo. Por meio dessa atividade, que era realizada mensalmente, tive a oportunidade de conhecer as ruas, as casas, os becos e as vielas da região.

Nesse mesmo período, ocorreu na Saja uma parceria com o Instituto Gens de Educação e Cultura (serviços educacionais e formação de grupos em educação), cujo objetivo era trabalhar a escrita dos entregadores de jornal por meio de um projeto intitulado Repórter Mirim, a fim de possibilitar que os jovens escrevessem matérias para o próprio veículo de comunicação no qual trabalhavam. Lembro-me da sensação de felicidade no momento em que minha primeira matéria foi publicada no jornal. Era como uma criança feliz com seu novo brinquedo: a cada tiragem que recebia para entregar, verificava se lá estava a publicação que havia criado com tanta dedicação, amor e carinho.

E assim, ao lado do grupo de meninos entregadores, fui aprendendo a tratar a vida com alegria, transformando as matérias jornalísticas em aprendizados que aos poucos foram sendo compartilhados com os leitores daquele modesto jornal de bairro. Ao final do projeto Repórter Mirim, fomos convidados pela professora Grácia Lopes Lima, coordenadora do Instituto Gens de Educação e Cultura e responsável pela atividade descrita, a participar do Projeto “Cala-Boca Já Morreu – porque nós também temos o que dizer!” (CBJM), composto por um grupo de crianças de 7 a 12 anos de idade que produzia comunicação coletiva na Rádio Cidadã, emissora comunitária situada no bairro Jardim Bonfiglioli, cidade de São Paulo.

Durante mais de 20 anos juntos, desde 20 de agosto de 1995, o convívio e o aprendizado são as maiores lembranças que trago desse espaço de troca e construção coletiva de conhecimento, pois me ensinaram a aceitar as outras pessoas e a estabelecer com elas uma relação de parceria, de companheirismo e de partilha do que pensamos, descobrimos e

sonhamos. Vimos crescer em nossos espíritos novas perspectivas que permitiram a construção de projetos de vida nos âmbitos individual e coletivo.

O Projeto CBJM já realizou aproximadamente 150 programas de rádio de 1995 até hoje, todos apresentados em emissoras comunitárias, tais como Rádio Guadalupe, em Osasco, e Rádio Charme, no Jardim Bonfiglioli, e alguns programas especiais na Rádio 8 de Dezembro, em Vargem Grande Paulista. Concomitantemente a isso, produziu cinco edições de jornais distribuídos pela região do bairro paulistano Butantã, e cinco vídeos de 15 minutos veiculados no Canal Comunitário da cidade de São Paulo.

Os movimentos de envolvimento e compartilhamento das experiências permitiram-nos construir um trabalho coletivo que reconhece os saberes do grupo e usa o rádio como ferramenta para gerar um produto; tal criação nos possibilitou desenvolver a Metodologia Cala-Boca Já Morreu, posteriormente partilhada com outros espaços como um estilo próprio de conceber e realizar práticas que suscitem um diálogo entre os campos da Educação e da Comunicação.

Seguindo este roteiro sobre minha trajetória, no ano 2000 participei de um projeto da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP) e da Oboré, empresa prestadora de serviços que atua com comunicação popular. Por meio desse projeto, tive acesso a um curso de Informação sobre Saúde Pública, cujo objetivo era capacitar comunidades populares da grande São Paulo dentro desse tema. Já em 2001, tive a oportunidade de acompanhar a idealização e implementação do Projeto Educom.rádio, do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

A partir de 2005, o CBJM passou a ser uma organização não governamental (ONG). Na mesma época, por conta da atuação frequente nas reuniões de discussão de pauta, o projeto recebeu um convite dos Ministérios da Educação e do Meio Ambiente para realizar um trabalho de assessoria em educação pelos meios de comunicação para três conferências nacionais infanto-juvenis pelo meio ambiente e uma conferência internacional sobre a mesma temática.

Incentivado pelos aprendizados no CBJM, em 2009 iniciei o curso de Licenciatura e Bacharelado em Filosofia na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Ao terminar a graduação, no ano de 2012, iniciei minha carreira de professor de Filosofia na rede pública de ensino do estado de São Paulo. Ainda nos anos de 2012 e 2013, a pedido do Serviço Social do Comércio (Sesc), participei pelo CBJM da idealização do Projeto Rádio Ambiente 21, que se constituiu dentro do programa Juventudes do Sesc São Paulo, dirigido a um público de 80 jovens de 13 a 29 anos de idade, com o objetivo de contribuir para que vivenciassem processos formativos pautados pelos princípios da gestão compartilhada, ou seja, pela

horizontalidade das relações como possibilidade de outra convivência social marcada pelo fortalecimento de cada um dos envolvidos nos grupos que escolhem integrar.

Em 2015, ingressei no curso de Especialização em Ensino de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), onde participei do 1º Simpósio Internacional Filosofar, Aprender e Ensinar: Desafios e Possibilidades. Na ocasião, apresentei o trabalho de comunicação científica “O rádio como uma possibilidade de pesquisa”, selecionando como foco o ensino de Filosofia e a realidade escolar, no eixo temático Ensino de Filosofia: Questões de Didática, Metodologia e Procedimentos de Ensino. No mesmo ano, integrei a equipe realizadora do projeto de pesquisa Criança, Mídia e Consumo na Formação de Professores, o qual envolveu uma parceria entre o Instituto Alana, o CBJM, a Ufscar e a Universidade Federal de Goiás (UFG). Como prática da pesquisa, o tema foi mapeado principalmente no espaço da internet, inicialmente vinculado a cursos de Pedagogia responsáveis pela formação de professores e, posteriormente, a mídias sociais, atingindo qualquer pessoa ou movimento que tivesse publicado conteúdos relativos ao tema.

Ilustração 1 – Entregador de jornal explica a importância da produção de comunicação



Fonte: KAPLÚN (1985, p. 82).

1.1 Breve histórico da Educomunicação

Com base no artigo de Caio Dib de Seixas e Pedro Ortiz (2011), será apresentada uma contextualização histórica dos meios de comunicação à Educomunicação no Brasil.

O termo “educomunicação” foi cunhado com o intuito de conhecimento e partilha da utilização dos produtos de comunicação e de suas finalidades, possibilitando “o acesso à comunicação e o uso democrático da comunicação para ampliar a capacidade de expressão e de conhecimento de si mesmo e do outro” (SEIXAS; ORTIZ, 2011, p. 128).

Embora tenha sido criado pelo pensador Mario Kaplún, no Brasil esse termo teve maior divulgação por Ismar de Oliveira Soares. Em suas primeiras práticas, a Educomunicação foi iniciada pelo francês Célestin Freinet, ao inserir a imprensa na escola e originar a escola do trabalho, no ano de 1920. Ela surge a propósito dos movimentos alternativos de educação, que propunham uma leitura crítica dos meios de comunicação, constituídos pela Igreja Católica e por intelectuais envolvidos com a área de Educação a partir de 1950. Até essa data, era predominante nas escolas o ensino tradicional.

No Brasil, Paulo Freire já fazia reflexões a respeito do ensino tradicional classificando-a como “educação bancária”, termo designado para explicar a visão do estudante como um recipiente para inserir dados e informações que pudessem ser solicitados sempre que necessário. Em contrapartida ao ensino tradicional, Freire propôs “um método de ensino-aprendizagem no qual o diálogo e a participação fossem valores fundamentais no processo de aprendizagem: a educação popular, que é baseada na comunicação dialógica e libertadora” (SEIXAS; ORTIZ, 2011, p. 128).

A partir dessa ideia, durante as décadas de ditadura militar no Brasil, representantes da Igreja Católica afinados com a Teologia da Libertação buscaram formas para se manterem atuantes e longe dos olhos dos militares, realizando exposições de filmes em salas de cinema improvisadas, com debates críticos em torno das obras ao término das sessões, com destaque para o momento político vivido na época. Nesta perspectiva, estamos falando das ideias de Mario Kaplún, questionador dos meios de comunicação comercial acostumados ao aparelhamento dos espectros públicos para o enriquecimento dos poucos grupos de comunicação no mundo.

Dessa forma, nasceu um movimento de leitura crítica dos meios de comunicação. Com o surgimento da televisão, porém, os cineclubes, como eram chamados, passaram a perder a força. Mas iniciaram-se, a partir dessa prática, movimentos pautados em uma leitura crítica da mídia, vinculados à Comunicação e à Educação.

A Educomunicação se entrelaça ao pensamento de Paulo Freire até mesmo na forma de se conduzir uma aula, ao substituir o formato tradicional por “círculos de discussão e pela tentativa de aproximação do cotidiano dos educandos, utilizando temas comuns à comunidade e fortalecendo a expressão, o debate e o trabalho em grupo” (SEIXAS; ORTIZ, 2011, p. 129).

Em 1965, no Concílio Vaticano, foram criadas as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), com a intenção de ampliar a atuação da Igreja em seus ideais, que muito tinham a ver com a pedagogia de Freire. Assim, o rádio foi utilizado pelas CEBs, por meio do Movimento Eclesial de Base (MEB), como ferramenta de alfabetização para adultos, “por ter custo baixo para montagem de emissora de rádio e também porque era politicamente fácil conseguir concessões para essa atividade” (SEIXAS; ORTIZ, 2011, p. 130). A Igreja utilizava, então, o rádio como instrumento para a educação popular, principalmente para reforçar a evangelização rural e alfabetizar adultos, e também para fazer uma crítica acerca do processo de exploração e dominação do trabalhador rural na sociedade brasileira. Nesse sentido:

A educomunicação pode ser método eficiente para abordar os temas de exploração e dominação ao dar voz aos explorados nos meios de comunicação. Ao utilizar o rádio, a televisão ou um veículo que usa linguagem escrita, o indivíduo consegue expressar seus sentimentos, enxergar-se, questionar a situação em que se encontra e, muitas vezes, descobre formas de deixar de ser dominado. (SEIXAS; ORTIZ, 2011, p. 130)

Assim, por meio de suas histórias e interações, as pessoas podem reconhecer-se ao perceberem a situação em que se encontram e, dessa maneira, se fortalecer. Freire contestava, porém, o uso dos meios de comunicação com fins educacionais, pois acreditava que conscientizar é um ato aberto, criativo e dialógico, e que os meios de comunicação eram meios de imposição de saberes; deveria se conhecer a quem eles estariam servindo e com quais propósitos, além da possibilidade de serem meios de acesso a alguns poucos apenas. Já o MEB afirmava que o locutor, nesse caso, era um ator importante, pois eram realizados diálogos constantes entre o MEB e os monitores locais, havendo “preocupação do entendimento do conteúdo como a fala das personagens com características próprias da comunidade e a importância das questões locais” (SEIXAS; ORTIZ, 2011, p. 131).

A União Cristã Brasileira de Comunicação Social (UCBC) iniciou, em 1979, o Projeto de Leitura Crítica da Comunicação (LCC), cujo intento era mostrar a capacidade dos meios de comunicação em massa com finalidades comunitárias e pastorais. Seu principal objetivo era a comunicação libertadora, que pretendia desenvolver, a despeito dos projetos educacionais existentes, a participação e o diálogo dos interlocutores, utilizando-se

também do seu cotidiano para expressar-se. Esse meio foi muito utilizado com grupos de pouca visibilidade social e maior exploração da força de trabalho.

Os estudos acerca da recepção da transmissão começaram a conquistar espaço no final de 1970, com pensadores latino-americanos como Néstor Garcia Canclini e Jesús Martín-Barbero, que abordam o receptor como “sujeito capaz de realizar críticas aos conteúdos que recebe dos veículos de comunicação em massa, estabelecer informações veiculadas neles com aspectos presentes em seu cotidiano, e até de elaborar propostas de contracultura [...]” (SEIXAS; ORTIZ, 2011, p. 131).

Mário Kaplún e Juan Díaz Bordenave ampliaram, na década de 1960, os conceitos de comunicação participativa e comunicação popular, ao crer que a atuação dos sujeitos envolvidos é essencial para a educação transformadora e a prática da comunicação popular.

Bordenave defende a ideia de que os atores envolvidos podem transformar a estrutura social em que vivem, estendendo-se essa ação à comunidade e à escola. E Kaplún dá importância ao processo de ensino-aprendizagem, com o pensamento de que o sujeito, por meio do diálogo e da participação, deve envolver-se na construção de uma educação que seja problematizadora, que busque o conhecimento e, dessa forma, desenvolva suas capacidades.

Os séculos XX e XXI viram nascer uma geração com acesso à internet, que busca o conhecimento fora das salas de aula, instituições que não são mais os lugares privilegiados de ensino e perdem lugar, assim, para o acelerado mundo pós-moderno. No início do século XX, Freinet já afirmava que a vida cotidiana dos alunos deveria estar intimamente envolvida com o conteúdo estudado. Dessa maneira, era necessário conectar os estudos às novas mídias.

Referindo-se ao caráter provisório e instável que acomete a sociedade, o sociólogo Zygmunt Bauman assinala que a escola atual não está preparada para lidar com sujeitos em constante mutação; existe uma ideia de que a sociedade pós-moderna se “caracteriza por um processo contínuo de integração e desintegração em todos os aspectos (político, econômico, social, cultural) por causa da enorme circulação de capitais, bens e ideias” (SEIXAS; ORTIZ, 2011, p. 133). Esses fatores geram o sentimento de que todas as coisas podem ser descartáveis e efêmeras, contrastando com a ideia de que a educação deve ser elaborada sobre uma base sólida, fundamentada e elaborada em longo prazo, defendida por alguns autores.

Outros autores dão a entender que a escola deve incorporar novas formas de conhecimento que já fazem parte do cotidiano de crianças e jovens. Seixas e Ortiz (2011, p. 133) afirmam que a “diferença entre o que os alunos aprendem na escola e o seu dia a dia pode acarretar uma crise de identidade, interferindo na ideia que fazem de si mesmos como sujeitos integrados e dificultando sua relação de identificação com a sociedade”.

Alguns projetos propõem-se a trabalhar a questão da identidade, como é o caso do Educom.rádio, do NCE da ECA/USP, cujo estudo pretende a retomada da identidade e da cidadania dos participantes, “oferecendo-lhes referenciais e, ao mesmo tempo, a possibilidade de mais ampla e profunda reflexão sobre as condições de vida que o sujeito pode encontrar em cada contexto” (SEIXAS; ORTIZ, 2011, p. 135).

Dessa forma, a Educomunicação é uma ponte que aproxima pessoas, “ao propor diversas leituras culturais para o mesmo fenômeno e entendimento do diferente através de leitura crítica de conteúdos difundidos pela mídia e pela produção de mídia pelos participantes” (SOUZA; ORTIZ, 2011, p. 136). Souza e Ortiz discorrem sobre a necessidade de se abordarem os meios de comunicação de forma multidisciplinar, visto a sua forte influência na construção de identidades e, ainda, o fato de possibilitarem a liberdade de expressão para intercambiar a diversidade de culturas, promovendo, assim, a cidadania.

A Educomunicação está assegurada em sua teoria na atualidade, encontrando mercado nos setores governamentais, em instituições de ensino e em empresas. Em São Paulo concentra-se parcela significativa das pesquisas, no NCE da ECA/USP, que implantou, entre 2001 e 2004, “o projeto Educom.rádio em 455 escolas municipais do ensino fundamental, no qual se instalou estação de rádio para ser usada por alunos e professores, que foram formados em Educomunicação para utilizá-la” (SOUZA; ORTIZ, 2011, p. 138).

O primeiro curso de bacharelado na área foi criado pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), na Paraíba, em 2009. Ao se verificar a necessidade de profissionais aptos a atuar no mercado, a USP criou o primeiro curso de licenciatura em Educomunicação do país, no ano de 2011, o segundo curso brasileiro de graduação na área. Além das áreas citadas, podemos encontrar a educação pelos meios de comunicação no terceiro setor, como é o caso do CBJM, que se envolve diretamente com a melhoria da vida social e comunitária de jovens e adultos atendidos pelas instituições sociais.

A abordagem escolhida por este trabalho para discorrer sobre a educação pelos meios de comunicação foi a produzida por Mario Kaplún, vista como a mais adequada para os princípios demonstrados nesta pesquisa. O uruguaio, tal como Edgar Morin, acreditava na “possibilidade de plena participação do sujeito na construção de uma educação problematizadora” (ALVES, 2007, p. 34), defendendo uma educação que valorizasse o ensino-aprendizagem, diferentemente daqueles estimulados pelos resultados obtidos pela competição.

O educando é o sujeito da ação e, por meio do diálogo e da participação, busca o conhecimento. O que importa, mais do que ensinar coisas e transmitir conteúdos, é que o

sujeito aprenda a aprender; que seja capaz de raciocinar por si mesmo, de superar as constatações meramente empíricas e imediatas de seu entorno e desenvolver sua capacidade de relacionar e elaborar sínteses (KAPLÚN apud ALVES, 2007, p. 34).

Neste caso, quando está direcionada para o ensino a comunicação coletiva é usada como recurso que evita a generalização de ideias e o inculcamento de conceitos na cabeça do aprendiz, pois desenvolve no sujeito critérios que favorecem a criação de filtros para as informações, transformando-as em saber útil para sua vida.

1.2 Objeto

O objeto deste estudo é o exercício do filosofar na elaboração de programas para a Rádio Latorre, um projeto escolar em forma de *web* rádio que busca trabalhar com o recurso da comunicação como metodologia de educação nas aulas de Filosofia, com estudantes do ensino médio. A pesquisa visa a responder à seguinte pergunta: os programas radiofônicos produzidos pelos alunos colaboram para o exercício do filosofar? A escolha da Escola Estadual “Prof^a Lucy Anna Carrozo Latorre” aconteceu pelo fato de ser o espaço no qual ministro aulas e desenvolvo esse projeto.

Este objeto e esta inquietação foram sendo tecidos pela minha história, desde o momento em que comecei a entregar jornal na Sociedade Amigos do Jaguaré, em seguida com a participação do projeto Repórter Mirim, depois o convite para integrar o CBJM e, dando sequência a estas experiências, os estudos de graduação e especialização. Momentos que se entrelaçaram, produzindo-se recursivamente, constituíram o desenho de um caminho em que via e sentia a necessidade, agora profissionalmente, de oferecer aos jovens em sala de aula a oportunidade de expressarem suas ideias.

Compreendemos não ser possível desenvolver processos de aprendizagem sem respeitar o sujeito, bem como sua construção para a autonomia, responsável pelo processo de transformação de cada pessoa e cada grupo. Uma das ideias que aqui se inserem diz respeito ao propósito das aulas de Filosofia no ensino médio, decorrente de uma investigação sobre a função do exercício do filosofar na aula de Filosofia, procurando respeitar os estudantes em seu processo de aprendizagem. Assim, como disse Morin a respeito das reflexões racionais, “vamos tentar ir não do simples ao complexo, mas da complexidade para cada vez mais complexidade” (MORIN, 2006b, p. 36).

O exercício do filosofar estabelecido em sala de aula procura envolver o estudante em um debate a partir do qual ele possa obter elementos para transformar as informações que traz

do seu cotidiano, uma vez que esse processo de aprendizado se coloca como uma força interrogativa da inteligibilidade. Ocupar-se da Filosofia, então, significa empenhar-se em uma atividade crítica fundamental para o entendimento da distinção entre o que é bom e o que é ruim, instinto próprio da percepção de solidariedade das pessoas.

Portanto, o esforço da consciência no refletir filosófico não é diletantismo intelectual, devaneio ideológico ou tentativa de representação do mundo para fins pragmáticos. É antes a busca insistente do significado mais profundo da existência, para torná-la mais adequada em si mesma. (SEVERINO, 2001, p. 41)

Os meios de comunicação podem constituir-se em um canal do filosofar para que o estudante reveja o processo de elaboração do seu pensamento. Junto a isso, garantem espaço e oportunidade de expressão. Pensar os programas de rádio, nesse contexto, significa ampliar as vozes dos jovens por meio dos canais de comunicação para que eles possam ouvir a si mesmos. A liberdade de expressar-se, seja pela voz, seja pela escrita ou pelo corpo, é um movimento fundamental da vida, qualquer que seja o veículo.

Lizandra Machado (2012) argumenta que, para o jovem, a expressão faz ressoar distintas capacidades em um processo de reflexão e questionamentos que são essenciais para sua formação intelectual. Assim, “entendemos que todas as culturas têm valor e podem contribuir para enriquecer o processo de construção do conhecimento” (MACHADO, 2012, p. 2). Nesse sentido, reconhece-se a importância de saberes diferentes, considerando como significativo aquilo que os jovens dizem e criando oportunidades destes sujeitos terem suas ideias e vozes publicadas na internet para que outras pessoas acessem tais informações. Dar voz a esses jovens para que exponham suas ideias e visões de mundo é colaborar para a compreensão de si mesmos no meio em que se inserem, trazendo à superfície as peculiaridades identitárias de cada um e possibilitando o seu espaço na sociedade. Nessa tomada de palavra, propicia-se uma atitude política que pressupõe a igualdade, gerando emancipação.

1.3 Referencial teórico

Para esta dissertação, recorreremos às reflexões de Kaplún, responsável por estudos e práticas voltadas para uma educação de cunho libertador e para a formação de receptores mais críticos e participativos.

Outro pensador que contribui teoricamente é Edgar Morin, com a categoria do filosofar. Ele pensa a razão que distingue racionalidade de racionalização. Para ele, “a racionalização consiste em querer prender a realidade em um sistema coerente” (MORIN, 2006b, p. 70), de modo que tudo o que não cabe dentro desse sistema passe a ser entendido como aparência ou ilusão. A racionalidade, no entanto, é um diálogo ocorrido a todo o momento pela mente, criadora de estruturas lógicas, aplicando-as no mundo que dialoga com o real e se manifesta em uma luta constante contra a racionalização. Uma racionalidade aberta e complexa é definida em oposição à racionalização.

Três são os princípios que ordenam o pensamento complexo, conceituados como operadores da complexidade:

1) dialógico: não é dialético e entrelaça aquilo que, aparentemente, está separado. Por exemplo, a razão e a emoção, o sensível e o inteligível, as Ciências Humanas e as Ciências da Natureza, entre outros, fazendo-os dialogar com o que está aparentemente separado;

2) recursivo: é uma opção para a superação da regra segundo a qual A gera o efeito B. A recursividade ultrapassa a noção de regulação pelas de autoprodução e auto-organização. É um circuito gerador em que os produtos e os efeitos são, eles mesmos, produtores e causadores daquilo que os produz;

3) hologramático: evidencia o paradoxo das organizações complexas, em que não apenas a parte está no todo, como também o todo está inscrito nas partes.

Estes são os três princípios organizadores que mobilizam o pensamento complexo: juntar coisas que estavam separadas, fazer circular a causa e o efeito e a ideia da totalidade, ou seja, de que não é possível dissociar a parte e o todo.

Os operadores da complexidade permitem pensar acerca dos paradigmas epistemológicos do conhecimento, entendidos como precursores da construção do conhecimento dos objetos. A interpretação do conhecimento é falsa, porém se constitui como um complexo processo ilusório que pode deturpar a reflexão filosófica do saber.

Neste ponto, salientamos que o estudante do ensino médio passa nesse momento da vida pela puberdade, circunscrita cientificamente como um processo de transformação biológica de âmbito comportamental e corpóreo, passível de discussão e de debates pertinentes à concepção do exercício do filosofar deste trabalho.

A concepção de juventude corrente na sociologia, e genericamente difundida como noção social, é profundamente baseada no conceito pelo qual a sociologia funcionalista a constituiu como categoria de análise: como momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um momento específico e dramático de socialização, em que

os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, por meio da aquisição de elementos apropriados da “cultura” e da assunção de papéis adultos. (BRASIL, 2007b, p. 79)

Um dos aspectos centrais a serem considerados nos momentos em que tratamos da juventude é a representação desta nos debates sobre gestão pública, diretorias de ensino, pesquisas acadêmicas, entre outros, sempre que o assunto é Educação. Em relação a suas vozes, “o direito dos jovens à participação ativa em seu próprio processo educativo tem sido historicamente negligenciado” (CORTI, 2004, p. 104).

Os conteúdos elaborados pelos estudantes nos programas de rádio são resultado do estímulo à investigação nas aulas de Filosofia. Esta forma de aprendizado, que usa a comunicação como método de ensino, disponibiliza a eles um modo de explorar as informações a partir das referências que lhes são acessíveis no cotidiano.

1.4 Hipótese e objetivos

Trabalhamos, neste estudo, com a hipótese de que o debate de ideias nas aulas de Filosofia visando à elaboração de programas de rádio cria condições de reflexão do filosofar e da expressão coletiva dos jovens estudantes.

Os objetivos da pesquisa são:

- a) apresentar o exercício do filosofar;
- b) relatar a proposta da Rádio Latorre desenvolvida nas aulas de Filosofia;
- c) descrever o Projeto Cala-Boca Já Morreu, inspirador desta investigação.

O incentivo vem de Kaplún (1987, p. 16, tradução nossa), segundo o qual “é necessário que os grupos descubram e aprimorem suas próprias capacidades expressivas e reconheçam o valor da própria palavra”.

Desde a origem da Rádio Latorre, em 2014, seus idealizadores acreditam que os estudantes se aproveitariam desse espaço de fala, configurando-o como uma oportunidade de direito a voz para eles no ambiente escolar. Quando se encontram com as informações que lhes são apresentadas como conhecimento verdadeiro, eles têm como desafio o exercício do filosofar, para aprender a identificar as eventuais manipulações que lhes são transmitidas.

1.5 Metodologia

Este trabalho tem como metodologia a pesquisa participante, que acontece por meio da observação e interação entre pesquisador e realidade pesquisada.

O método *in vivo* consiste em uma pesquisa de abordagem multidimensional em que se analisa uma ação de investigação, buscando entender o contexto no qual o objeto está inserido e suas complexidades. Morin utilizou este método em Plozévet, pequeno município da Bretanha, França, onde buscou aplicar suas experiências de pesquisa desvelando as investigações que se dizem neutras, impessoais e abstratas e se dedicando a uma experiência viva com seres ricos em particularidades. Procuramos empregar este método em uma sala de aula do ensino médio de uma escola da rede pública estadual paulista. O procedimento para o desenvolvimento dos trabalhos não se pautou na diretividade do professor, mas no diálogo constante e na troca, permitindo que as pessoas ouvissem umas às outras e que isso pudesse trazer uma nova maneira de ler os problemas em pauta.

Morin destaca a importância da presença do pesquisador no campo da pesquisa, afirmando ser um “método para o qual minha sensibilidade militante mais próxima da realidade das pessoas, assim como minha formação universitária em psicologia social e dinâmica de grupos sociais, havia me preparado” (MORIN; PENA-VEGA; PAILLARD, 2008, p. 24). Dessa forma, o convívio torna-se importante tanto numa comunidade como Plozévet quanto na sala de aula.

1.6 Pesquisas anteriores

Para compor este projeto, verificamos como aparecem os estudos sobre a produção de comunicação nas escolas brasileiras em pesquisas acadêmicas, especificamente em relação à realização de programas de rádio nas escolas. Analisamos primeiramente os diretórios da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT); do Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); e das últimas edições da reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped). O princípio de análise conduzido nesta parte da pesquisa vincula a relevância à diversidade de textos acadêmicos em todo o Brasil, sem discriminar os espaços nos quais foram originadas essas produções científicas. Pensar as diversas possibilidades das pesquisas a seguir permite-nos associar conceitos que dentro das escolas, *a priori*, permanecem fechados em categorias e

disciplinas. Da mesma forma concebeu Morin (2003, p. 96): “assumir racionalmente a inseparabilidade de noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno complexo alimenta este trabalho e as possibilidades de diálogo”.

Indicamos, a seguir, as pesquisas sobre o exercício do filosofar e a produção de comunicação, particularmente, se e como aparece, nos diretórios pesquisados, o uso do rádio na escola.

Na BDTD, a pesquisa teve início pelas palavras-chave “exercício do filosofar”, o que gerou 15 resultados. Ao inserirmos a palavra “rádio” junto com as palavras “exercício do filosofar”, não foi gerado nenhum resultado. Ao pesquisar apenas as palavras “rádio e educação”, obtivemos três dissertações sobre assuntos próximos a esta pesquisa. O 1 foi elaborado a partir da pesquisa na BDTD.

Quadro 1 – Teses e dissertações do BDTD

Palavras-chave	Nº de trabalhos
Rádio e educação	3
Exercício do filosofar	15

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (2017).

No Banco de Teses da Capes, ao buscarmos a palavra-chave “exercício do filosofar” dentro do contexto da Filosofia, identificamos seis pesquisas. Já as palavras “rádio e educação” geraram oito registros, mas nenhum específico sobre o exercício do filosofar usando a ferramenta rádio. Alguns dos trabalhos pesquisados referem-se ao exercício do filosofar para o ensino médio ou à didática do professor. Ao passo que avançávamos na pesquisa, fizemos uma leitura dos resumos desses trabalhos acadêmicos e verificamos que apenas um deles mencionava o aprendizado do aluno, não como proposta, mas como método de estudo investigativo. Os dados do levantamento no Banco de Teses da Capes encontram-se no 2.

Quadro 2 – Teses do Banco de Teses da Capes

Palavras-chave	Nº de trabalhos
Educação e rádio	8
Exercício do filosofar	6
Filosofia no ensino médio	35

Fonte: COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (2017).

A partir da observação dos dois quadros, constatamos a representatividade de pesquisas educacionais que se pautam na discussão sobre a Filosofia no ensino médio quando analisamos somente os projetos apresentados na Capes no ano de 2017. Essa etapa da filosofia básica está em crescente expansão, tanto pela luta de movimentos sociais quanto pelo reconhecimento de escolas e administradores do ensino sobre a importância de constante reflexão a respeito das mudanças necessárias para melhorar a qualidade da educação.

O tratamento da Filosofia como um componente curricular do ensino médio, ao mesmo tempo em que vem ao encontro da cidadania, apresenta-se, porém, como um desafio, pois a satisfação dessa necessidade e a oferta de um ensino de qualidade só são possíveis se forem estabelecidas condições adequadas para sua presença como disciplina, implicando a garantia de recursos materiais e humanos. (BRASIL, 2006, p. 15)

Compreender as dissertações sobre Filosofia no ensino médio levou-nos a consultar algumas linhas de pesquisa incubadoras desse tipo de investigação. Ao tomar a USP como exemplo, é possível encontrar na Faculdade de Educação o Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação (EDF), com pesquisas que abordam História da Educação, História da Educação Brasileira, Sociologia da Educação, Filosofia da Educação, Psicologia da Educação e Educação Especial. Na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), dentro da Faculdade de Ciências e Tecnologia no *campus* de Presidente Prudente, existe a linha de Processos Formativos, Ensino e Aprendizagem, investigadora de práticas pedagógicas desenvolvidas no espaço escolar. Abrange estudos sobre fundamentos e concepções teórico-metodológicas dos processos de ensino e aprendizagem, e múltiplas linguagens, mídias e tecnologias em diferentes modalidades de ensino e áreas do conhecimento e seu impacto na prática educativa e escolar.

Quanto ao currículo das faculdades federais, encontramos na Universidade Federal da Bahia (Ufba), no Programa de Pós-Graduação em Educação, o grupo de Epistemologia do Educar e Práticas Pedagógicas, com foco na qualificação do professor para a prática docente dialógica e da pesquisa científica. Sua área de concentração é a Educação Filosófica, que procura inventariar o processo do pensar crítico, ressignificando de forma radical a própria Filosofia, que é compreendida como o aprender a aprender a ser. A Ufba ainda desenvolve a linha de pesquisa em Currículo e Formação, que relaciona ações de formação tendo como temática central o estudo e a intervenção dos campos do currículo e da formação. Pautando-se na perspectiva de que a educação tem como prática social a formação, responsável pela experiência de sujeitos sociais em processo de aprendizagem, toma o currículo como um artefato importante nessa configuração.

Na Universidade Federal do Paraná (UFPR), foi encontrada a linha de pesquisa de Formação da Docência e Fundamentos da Prática Educativa, a qual discute os fundamentos teóricos e práticos para o exercício da docência na contemporaneidade, buscando compreender o papel do educador e o espaço da sala de aula numa perspectiva histórico-filosófico cultural.

Por outro lado, nos Quadros 1 e 2 é possível identificar que, apesar dos avanços significativos de pesquisas, elas ainda não representam números expressivos de trabalhos se comparamos o ensino de Filosofia em relação a outros conteúdos no mesmo período. Para verificar isso, somamos a quantidade de trabalhos pesquisados. O quadro a seguir traz essa informação.

Quadro 3 – Produção científica nos diretórios pesquisados

Busca em todos os índices	Nº de trabalhos
Rádio e educação	11
Exercício do filosofar	21
Filosofia no ensino médio	35
Total	67

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (2017); COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (2017).

Ao somarmos os dados dos diretórios pesquisados, evidencia-se a não existência de investigação acadêmica utilizando o rádio como ferramenta de educação nas aulas de Filosofia dentro do ensino regular; das 67 produções levantadas em 2017, nenhuma trouxe essa temática para defesa. Constatamos um baixo interesse pela temática em pesquisas científicas.

Seguimos a investigação de trabalhos nos anais das reuniões nacionais da Anped. Estes não possibilitam a busca por palavras-chave, por isso fizemos a busca em apenas dois grupos de trabalho (GT): GT16 – Educação e Comunicação e GT17 – Filosofia da Educação. Foram realizadas leituras dos resumos de trabalhos que contribuíram com o levantamento da bibliografia relacionada ao objeto de estudo, mesmo que isso não aparecesse de maneira óbvia. Os trabalhos que se mostraram mais próximos a esta pesquisa fazem parte do GT17 – Filosofia da Educação, e são apresentados no Quadro 4.

Quadro 4 – Seleção de trabalhos mais próximos a esta pesquisa nos anais da 35ª à 37ª Reunião da Anped

GT	Ano	Autoria	Título do trabalho
GT16	2015	Ana Elisa Drummond Celestino Silva	Práticas pedagógicas e produções colaborativas: reflexões sobre o uso do <i>smartphone</i> no contexto escolar
GT17	2015	Catia Piccolo Viero Devechi; Gionara Tauchen	O futuro da educação comparada: das interpretações de mundo à comunicação com o outro?
GT 17	2015	Luiz Cláudio da Silva Câmara; Marcelo Andrade	Entre a cooperação e os conflitos: como professores do ensino médio entendem seus estudantes?
GT 16	2012	Angela Cristina Di Palma Back	Jornal escolar: modalização do enunciado como estratégia de avaliação do e no discurso

Fonte: BACK (2012); CÂMARA; ANDRADE (2015); DEVECHI; TAUCHEN (2015); SILVA (2015).

Consultamos, nas amostras referenciadas de teses e dissertações, citações a Morin como exposições dialogadas ou referencial teórico.

Os artigos das reuniões da Anped tinham como foco os seguintes temas: “Práticas pedagógicas e produções colaborativas: reflexões sobre o uso do *smartphone* no contexto escolar” visava a “analisar os hábitos e as possibilidades de comunicação, interação e compartilhamento de informações e conhecimentos produzidos, por meio do *smartphone*, por esse grupo de professores” (SILVA, 2015, p. 1). Já “O futuro da educação comparada: das interpretações de mundo à comunicação com o outro?” buscava “a legibilidade dos fundamentos da cultura comparatista e discutir as possibilidades e as contribuições da aprendizagem comunicativa” (DEVECHI; TAUCHEN, 2015, p. 1). No terceiro trabalho, “Entre a cooperação e os conflitos: como professores do ensino médio entendem seus estudantes?”, encontramos a seguinte proposta: “analisar como professores do ensino médio de uma escola pública do Rio de Janeiro percebem e compreendem as relações que se estabelecem entre seus estudantes e como essas relações se articulam com sua formação moral e com as diferenças identitárias presentes no espaço escolar” (CÂMARA; ANDRADE, 2015, p. 1). Por fim, no artigo “Jornal escolar: modalização do enunciado como estratégia de avaliação do e no discurso”, Back (2012, p. 1) discorreu sobre “estratégias e pautas para desenvolver tanto nas aulas como fora delas, atitudes, modos de vida e de pensar, materialidade física, hábitos, objetos e ritos escolares”.

Avançada a apresentação dos corolários preliminares das pesquisas nas bases de dados, descreveremos brevemente alguns dos trabalhos científicos, da mesma maneira que seus subsídios para a resolução de problemas. Vale destacar a intenção de organizar tais

conceitos sistematicamente e as definições do exercício do filosofar nas aulas de Filosofia, de Educação ou Comunicação, preferencialmente com jovens.

Embora tenhamos feito uma exposição sobre o tema, nas pesquisas das citadas reuniões da Anped identificamos artigos que desenvolvem reflexões acerca da autonomia na constituição da formação do jovem e escolhemos integrá-las ao levantamento prévio bibliográfico. Este trabalho buscou estabelecer em relação às produções expostas um diálogo, prevalecendo a troca como relevância entre as pesquisas. A etapa em que se encontra este trabalho exige uma análise das investigações sobre as implicações e sustentações para a área de conhecimento da Filosofia.

No próximo capítulo serão desenvolvidas as ideias que sustentam este trabalho em relação ao exercício do filosofar, a partir do exposto sobre isso nos livros didáticos e junto aos conceitos de Morin descritos em suas obras.

1.7 Justificativa

O exercício do filosofar pode ocorrer na elaboração dos programas de rádio quando busca no diálogo com o estudante assuntos e temas de discussão que façam sentido para sua vida, pois se acredita que esses jovens detêm um saber construído por meio de seus olhares, vivências e da observação do cotidiano. Estabelecer uma interlocução contribui para a construção do conhecimento e pode ser um caminho a ser explorado para encontrar formas significativas de aproximação do estudante e seu próprio saber. Como afirma Morin (2003, p. 54), “É para o aprendizado da vida que o ensino da filosofia deve ser revitalizado”. E, ainda: “muitos professores concebem a Filosofia de uma maneira fechada e acadêmica, achando que ela se esgota na sua história, mantendo a opinião dos filósofos e desprezando a dos moralistas, dos cientistas” (MORIN, 2007b, p. 66).

A compreensão do papel da Filosofia se constitui em uma visão aberta aos mais diversos conhecimentos. O próprio Morin explicita que os filósofos que exerceram forte influência em sua forma de pensar e alimentaram suas inquietações não eram todos filósofos na concepção usual, mas “entre eles encontram-se romancistas como Dostoiévski, matemáticos e metamatemáticos como Heinz Von Foerster, fundadores de espiritualidade e de ética como Jesus ou Buda e, também, o titã Beethoven” (MORIN, 2013, p. 17).

Quando o professor entra em contato com os estudantes e propõe a discussão de temas desconhecidos por eles, tem a possibilidade de ir ao encontro daquilo que já é sabido ao nível da vivência, mas ignorado teoricamente, para desenvolver nas aulas o aprendizado dos

conceitos teóricos da Filosofia, como ética, estética, lógica e política entre outros. É também o momento de mostrar a esses jovens, que estão em busca de seu próprio potencial de reflexão, que podem abrir-se ao que outros pensaram antes deles e ao modo como desenvolveram suas ideias.

1.8 Sobre os capítulos

A seguir, apresentaremos os capítulos que compõem esta dissertação.

Na primeira etapa serão desenvolvidas as bases do exercício do filosofar como fundamento para a teoria da condição humana.

No segundo capítulo demonstraremos a origem do Projeto “Cala-Boca Já Morreu – porque nós também temos o que dizer!”, fonte de inspiração desta pesquisa, com práticas em educação junto aos meios de comunicação, buscando assegurar o direito de as pessoas produzirem informações a partir do seu próprio ponto de vista.

Em seguida, apresentaremos a Rádio Latorre, projeto que é objeto desta pesquisa. Trata-se de uma rádio escolar que busca deslocar os estudantes do papel de consumidores de tecnologia para o de criadores de conteúdo por meio das tecnologias, usando os veículos de comunicação.

Por fim, encerraremos ilustrando como o contexto da elaboração de programas de rádio pode orientar os jovens no sentido da organização do conhecimento nas aulas de Filosofia.

2 O EXERCÍCIO DO FILOSOFAR

O exercício do filosofar contribui para o desenvolvimento de reflexões a respeito da condição humana, fundamental para o estabelecimento do respeito entre as pessoas. É dever da Filosofia e de todo filósofo estimular a orientação crítica e a autocrítica, insubstituíveis fermentos da lucidez, e exortar a compreensão humana, tarefa fundamental da cultura.

2.1 O exercício do filosofar apresentado pelos livros didáticos de Filosofia

Partimos do princípio de que elaborar programas para rádio é uma alternativa de trabalho para o desenvolvimento de conceitos que são produzidos pelas ideias, base do entendimento do exercício do filosofar proposto nesta pesquisa.

O trabalho de elaboração do pensamento complexo associou expressões filosóficas diversas que, em constante diálogo e articulação, criaram um sistema de ideias abertas. Estas trazem à tona a cultura e a trama do conhecimento vai sendo tecida nesta relação entre cultura e sociedade. As ideias estão em interação com a práxis histórica, mas, como apontamos para um sistema de ideias abertas, é importante falar da dialógica cultural, que expressa a possibilidade de pontos de vista diferentes. (ALMEIDA, 2015, p. 2)

Etimologicamente, a palavra latina *idea* refere-se à figura e ao aspecto dos objetos; seria um pressuposto do conhecimento (MARÍAS, 2004). O ser das coisas, esse ser subordinado e deficiente, baseia-se no ser das ideias do qual as coisas participam. Essa reflexão fortalece-se à medida que Platão inicia sua teoria pensando a cisão da realidade entre o mundo sensível, desqualificado, e o das ideias, que é verdadeiro e pleno ser.

Na História da Filosofia, o conceito de *daímon*, espécie de gênio, sobre o qual Platão e, com maior frequência, Sócrates discorreram na Antiguidade, fornece sentido próximo ao da construção do filosofar defendido neste trabalho. A palavra *daímon*, da qual derivou o termo demônio, não era, na Antiguidade, relacionada a algo mau, como nos tempos modernos. Não designava exclusivamente seres malfazejos, mas os espíritos em geral, dentre os quais se destacavam os espíritos superiores, chamados de deuses, e os menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que se comunicavam diretamente com os homens. Como visto anteriormente, Morin entendia que a Filosofia deveria, entre outras coisas, colaborar para o despertar do espírito que problematiza os conceitos da vida, contribuindo ainda mais para uma interrogação e reflexão filosóficas.

Posto isto, o método socrático possuía algumas etapas, entre elas a denominada de maiêutica, que visava a contribuir para que as pessoas fossem capazes de transpor da inconsciência para a consciência a projeção de conceitos que se encontravam velados pela mente; era considerada pelo filósofo como uma possibilidade de irmos ao encontro da *eudaimonia*, felicidade, e da reflexão intelectual (TRINDADE, 2007). Dessa maneira, quando pensamos em nossas próprias ideias, também estamos exercitando o *logos*, o que torna possível superar a *doxa*, lugar do qual circulam as opiniões.

Conhecida como “paridora” das ideias, a maiêutica constitui-se como prática oral, desenvolvida na Grécia no século V a.C., com processos de inquirição que demonstravam o método de investigação socrático que estaria por vir.

O modo conjectural como o ateniense atraía as pessoas para o conhecimento de si reencontrava no mito de anamnese/reminiscência a existência de uma pré-compreensão das coisas, que antecipa e orienta todos os conhecimentos. O pensamento filosófico sempre foi marcado por essa busca de explicações racionais: “o sistema de ideias não se limita à disciplina de filosofia” (ALMEIDA, 2015, p. 3). No entanto, “não foi por isso na história do filosofar que houve uma ruptura abrupta e intransponível entre as narrativas” (MELANI, 2016, p. 38). Na mitologia, a anamnese é exposta como a responsável pela antítese e correção, por “adquirir de novo” (CUNHA, 1982, p. 674), não permitindo ao homem indagar o que sabe nem o que não sabe, pois se tornava inútil a indagação; para a narrativa, é impossível examinar minuciosamente algo se não se sabe o que se examina.

A propósito das opiniões que são verdadeiras. Pois também as opiniões que são verdadeiras, por tanto tempo quanto permaneçam, são uma bela coisa e produzem todos os bens. Só que não se dispõem a ficar muito tempo, mas fogem da alma do homem, de modo que não são de muito valor, até que alguém as encadeie por um cálculo de causa. E isso, amigo Mênon, é a reminiscência, como foi acordado entre nós nas coisas <ditas> anteriormente. E quando são encadeadas, em primeiro lugar, tornam-se ciências, em segundo lugar, estáveis. E é por isso que a ciência é de mais valor que a opinião correta, e é pelo encadeamento que a ciência difere da opinião correta. (IGLÉSIAS, 2001, p. 103)

A experiência anamnésica proporcionou ao homem a possibilidade de conhecer a hermenêutica do conhecimento, fazendo-a averiguar os novos paradigmas. A gnose, conhecimento perfeito, emana desse jeito na medida em que a *arkhé* (CECÍLIA, 2016), princípio original, fundamento racional (ARANHA; MARTINS, 2016, p. 28) da Filosofia, deslinda os pormenores do já sabido, avançando sobre a investigação de sua identidade e de seus óbices.

Destarte, o raciocínio filosófico constitui-se como rigoroso, crítico e reflexivo, visto que analisa a clareza dos conceitos por meio de métodos investigativos. Como eclosão desse efeito, a *episteme*, perquiridora do conhecimento, é evocada para aprofundar o *daímon*; sabia-se que este era responsável por evitar que determinadas situações ocorressem e que outras fossem viabilizadas, pois é o intermediário entre os deuses e os homens, sendo seu meio de comunicação justamente o conhecimento, os sonhos e a voz interior. A possibilidade de contato com esses daimoneses parece ser inata a todos os homens, uma vez que o *tópos koinós*, lugar comum, é a alma, mas, como qualquer possibilidade, ela depende de condições favoráveis para se desenvolver.

Daímon é a liberdade que o filósofo possui para decidir as coisas, tanto quando o daímon se manifesta, quanto [quando] permanece silencioso. Isso porque, apesar do *daímon* atuar como uma espécie de protetor e guia, a palavra final sempre recai sobre as pessoas, uma vez que cabe a ele decidir se obedecerá ou não. (COSTA, 2001, p. 108)

Nessa acepção, o *daímon* desperta o filósofo para o fortalecimento do *logos*, palavra que vem do verbo grego *legein*, que quer dizer contar, reunir, juntar. Heráclito o concebia como substância ou causa do mundo. Todas as leis humanas alimentam-se de uma só lei divina: “porque esta denomina tudo o que quer, e basta para tudo e prevalece a tudo” (ABBAGNANO, 2007, p. 72). A relação com o *logos* constitui o cerne das leis cósmicas, responsáveis pela ligação entre o homem e o princípio formador do mundo.

Do *logos*, a ser exposto neste livro, e que existe e vale sempre, os homens são sempre ignorantes, quer antes de o terem ouvido, quer apenas tenham começado a percebê-lo. Pois, embora tudo proceda de acordo com esse *logos*, eles se parecem com gente sem experiência, cada vez que experimentam falas e atos do gênero que exporei, analisando cada coisa segundo sua *physis* e interpretando-a como é. Aos demais homens oculta-se o que fazem quando acordados, assim como se esquecem do que praticam quando adormecidos. (BERGES, 1969, p. 235)

A erudição a respeito do *logos* instiga a reflexão sobre o conceito de razão. Salientamos que, para esta preleção, o exercício do filosofar é uma atividade decorrente dessa intelecção. A razão, no que lhe concerne, é designada como uma espécie de lei do pensamento (intelectual), sendo as regras a ação refletida (ética) (CHAUÍ, 2013, p. 68), desencadeada primordialmente pelo desejo de conhecer as coisas. Alguns filósofos acreditam na possibilidade de a razão conhecer a realidade porque a própria realidade é racional em si mesma.

Segundo essa lógica, a influência da Filosofia no pensamento é preocupar-se com as arbitrariedades da imposição das ideias, colocando em verificação todos os axiomas¹ considerados ordenadores do mundo real.

2.2 O exercício do filosofar em Edgar Morin

Morin percorreu um longo caminho para elaborar o pensamento complexo, tomando o cuidado de não se prender a qualquer corrente de pensamento, pois é justamente assim que é possível tecer uma relação sobre os saberes. Em seu livro *Meus filósofos* (MORIN, 2013), ele faz um percurso histórico de como tomou conhecimento de várias matrizes de pensamento filosóficas e como as aplicou em sua vida e em seu pensar.

Este pensador não recebeu verdades absolutas de sua família. Sentia-se livre para escolher seu próprio caminho e assim agiu. Isso fez com que ele não rejeitasse qualquer tipo de ideia. Mas isso não quer dizer que ele aceitasse qualquer conceito que surgisse em sua frente sem um mínimo de critério:

Isso me levou a buscar minhas verdades por minha própria conta nas fontes as mais diversas. De modo incessante, fui animado e reanimado pela pergunta de Kant: “O que posso saber?”, à qual sempre associei, de modo suplementar, o “Que sei eu?” de Montaigne. Essas perguntas jamais me deixaram. (MORIN, 2013, p. 10)

Tal pensamento o animou a entrelaçar filosofia, ciência, literatura e poesia. Surgiu então sua primeira noção de complexidade, que seria integrar ao mesmo tempo “as múltiplas dimensões de uma mesma realidade a saber, a realidade humana, as incontornáveis contradições e as inelimináveis incertezas” (MORIN, 2013, p. 14).

A relação de Morin com a Filosofia foi aberta, evitando um fechamento nessa forma de pensamento. Conhecimentos históricos, biológicos, antropológicos, físicos e matemáticos serviram de base para a formulação de algumas ideias filosóficas. Seu contato com os clássicos da Filosofia o nutriu para buscar outras formas de pensamento.

[...] filósofos (como Heráclito, Pascal, Rousseau, Hegel) me ensinaram a nutrir-me sempre mais de conhecimentos históricos, biológicos, antropológicos, físicos, matemáticos. De modo algum posso esquecer minha

¹ “Não viram que o tempo intelectualizado é o espaço, que a inteligência trabalha sobre o fantasma da duração, e não sobre a própria duração, que a eliminação do tempo é o ato habitual, normal, banal, de nosso entendimento, que a relatividade de nosso conhecimento do espírito provém precisamente disso, que, desde então, para passar da intelecção à visão, do relativo ao absoluto, não há que sair do tempo (já saímos dele); cabe, pelo contrário, reinserir-se na duração e recuperar a realidade na mobilidade que é a sua essência.” (BERGSON, 2006, p. 28)

dívida com meus companheiros de vida, como Dionys Mascolo, Robert Antelme; com companheiros de aventura intelectual, como Jean Duvignaud, Kostas Axelos, François Fetjö (nos tempos da revista *Arguments*), Claude Lefort e Cornelius Castoriadis; com os amigos do “grupo dos Dez” (que se reuniu entre 1969 e 1976): Jacques Robin em primeiro lugar, Henri Atlan, Joël de Rosnay, René Passet, Michel Rocard, Jacques Sauvan; posteriormente vieram os amigos-irmãos da aventura da complexidade: Jean-Louis Le Moigne, Mauro Ceruti, Gianluca Bocchi, Oskar Nikolaus, acrescidos de novos companheiros de todos os continentes. (MORIN, 2013, p. 17-18)

Em relação à busca pelo saber na Filosofia e em outras formas de conhecimento, Morin compara-se a uma abelha que busca o néctar em vários tipos de flores:

Recolhi pólen de Kant, sem me deixar absorver pelo kantismo, recolhi muito mais de Hegel, sem me transformar em um hegeliano. Isso significa, também, que, sem ser parcial, minha cultura filosófica é lacunar no sentido em que jamais isolei meus conhecimentos filosóficos, sempre busquei integrá-los em um processo intelectual e existencial, global, religador, contraditório. Busquei e sempre encontrei em meus filósofos estimulações e, por vezes, iluminações. (MORIN, 2013, p. 18)

Em sua infância, Morin (2013) procurou mover-se pela curiosidade, pois, assim como as outras crianças, tinha a necessidade de perguntar sobre tudo. O carimbo da interrogação estava gravado em sua mente. Até hoje ele preserva essa curiosidade infantil, que o faz perceber o mundo como local em que podemos descobrir algo novo todos os dias. Sendo assim, uma primeira noção de filosofar em Morin é a de perguntar sobre tudo.

Em sua obra *A cabeça bem-feita* (2006a), Morin trata diretamente do pensamento filosófico. A obra é dedicada à educação e ao ensino a um só tempo. É justamente a Filosofia que dará norte às reflexões feitas acerca do tema. Segundo o autor (2006a, p. 15), “Uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável”. Para essa tarefa, segundo Morin (2006a, p. 23), a Filosofia deve:

[...] retomar a missão que foi a sua – desde Aristóteles a Bergson e Husserl – sem, contudo, abandonar as investigações que lhe são próprias. Também o professor de filosofia, na condução de seu ensino, deveria estender seu poder de reflexão aos conhecimentos científicos, bem como à literatura e à poesia, alimentando-se ao mesmo tempo de ciência e de literatura.

A Filosofia tem a vocação de refletir sobre todos os aspectos do saber e do conhecimento, convergindo a pluralidade de seus pontos de vista sobre a condição humana. A Filosofia, combinada com outras formas de pensamento, será de grande ajuda para

compreendermo-nos como humanos e entendermos o nosso significado no mundo, na própria existência.

A filosofia, ao contribuir para a consciência da condição humana e o aprendizado da vida, re-encontraria, assim, sua grande e profunda missão. Como já acusam as salas e os bares de filosofia, a filosofia diz respeito à existência de cada um e à vida cotidiana. A filosofia não é uma disciplina, mas uma força de interrogação e de reflexão dirigida não apenas aos conhecimentos e à condição humana, mas também aos grandes problemas da vida. Nesse sentido, o filósofo deveria estimular, em tudo, a aptidão crítica e autocrítica, insubstituíveis fermentos da lucidez, e exortar à compreensão humana, tarefa fundamental da cultura. (MORIN, 2006a, p. 54)

Para Morin, toda grande filosofia é uma descoberta de complexidade; depois, ao formar um sistema em torno da complexidade que revelou, ela encerra outras complexidades. Conforme dito anteriormente, a Filosofia é uma força de interrogação que nos pode conduzir para o exercício do filosofar percorrendo caminhos de informação e conhecimento.

2.3 O exercício do filosofar na Educomunicação

Diante do exposto, servem de inspiração inicial para esta pesquisa as práticas pensadas pelo comunicador uruguaio Kaplún (1985) em *El comunicador popular*, obra que descreve a educação como um caminho para a formação de sujeitos que refletem criticamente sobre os meios de comunicação, partindo das observações acerca da estruturação do conhecimento. É nossa intenção destacar alguns de seus trabalhos, bem como entender as elucidações feitas por ele sobre a crítica à pedagogia dos efeitos, aquela que visa ao aprendizado pela instrumentação do sujeito, para o qual o que importa é saber decodificar os conteúdos. Esse escritor era crítico da educação verticalizada e hierarquizada, afirmando que a maneira como se induz o sistema de ensino formal acontecia de maneira autoritária.

Repetidamente, a escola tradicional tem sido criticada por sua tendência a confundir a educação autêntica com o que é mera instrução, pelo que –como já foi dito – ela *informa* mas *não forma*. (KAPLÚN, 1985, p. 21, grifos do autor, tradução nossa)

Por conseguinte, parte desse modelo pedagógico está alicerçada na teoria do acúmulo de conteúdo, segundo a qual o professor é uma autoridade na escola, onde trabalha com recompensas, os chamados efeitos-resultados. Os conteúdos escolares são ministrados aos estudantes de forma maçante; não se discutem os efeitos, tampouco os erros surgidos pelo caminho do ensino.

Não obstante, o autor coloca como um dos pontos fundamentais para um real e novo caminho de investigação do campo da Educação o debate sobre o autoritarismo irracional dos adultos sobre os jovens, mostrando-lhes vias e caminhos para a emancipação individual e coletiva. Para Kaplún (1987), não resta dúvidas de que a educação é um elemento fundamental para essa mudança, e o compromisso da escola deveria ser fortalecer o indivíduo por meio de seus ensinamentos a fim de que ele desenvolvesse caminhos possíveis para a construção de conhecimentos da condição humana.

Por esse motivo, tentamos trazer à luz das ideias a concepção de autonomia do pensamento, a qual buscamos demonstrar por meio da produção coletiva de comunicação como elemento fundamental do exercício do filosofar.

2.4 Orientações curriculares para o ensino médio

As *Orientações curriculares para o ensino médio* (BRASIL, 2006) foram elaboradas a partir de uma ampla discussão com equipes técnicas dos sistemas estaduais de Educação, professores, alunos da rede pública e representantes da comunidade acadêmica. Os manuais orientadores têm como objetivo contribuir para o surgimento do diálogo entre professor e aluno na prática docente. Esta pesquisa pensa que tais diálogos podem ser uma possibilidade de estabelecer a reflexão crítica sobre a sociedade por meio da produção de comunicação coletiva realizada pelos estudantes secundaristas; isso porque, quanto mais desenvolvida é a inteligência geral, maior é sua capacidade de tratar problemas especiais. No exercício do filosofar, as orientações curriculares estão voltadas à investigação, privilegiando certo “voltar atrás”, refletir, porque a própria possibilidade e a natureza do imediatamente dado tornam-se alvo de interrogação. A tradição filosófica priorizaria a teoria, refletindo os acontecimentos e fenômenos da realidade. Nesse sentido, a Filosofia é pensada com três características principais:

- 1) trata-se de um pensamento conceitual: enquanto saber, ela é sempre produto de pensamento, é uma experiência de pensamento. Mas o que caracteriza a filosofia, como veremos a seguir, é que ela é uma experiência de pensamento que procede por conceitos, que cria conceitos, à diferença da ciência e da arte;
- 2) apresenta um caráter dialógico: ela não se caracteriza como um saber fechado em si mesmo, uma verdade dogmática, mas como um saber que se experimenta, que se confronta consigo mesmo e com os outros, que se abre ao diálogo com os saberes; um saber aberto e em construção coletiva;
- 3) possibilita uma postura de crítica radical: a atitude filosófica é a da não conformação, do questionamento constante, da busca das raízes das coisas, não se contentando com respostas prontas e sempre colocando em xeque as posturas dogmáticas e as certezas apressadas. (GALLO, 2012, p. 54)

Por um longo período, a regulamentação do ensino de Filosofia esteve ausente dos documentos oficiais que estabelecem princípios normativos. Promulgada a Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996), houve um interstício de quase dez anos até a publicação das *Orientações curriculares para o ensino médio* (BRASIL, 2006). A partir de então, tornaram-se obrigatórias as disciplinas de Filosofia e Sociologia (BRASIL, 2008).

O artigo 35, inciso II, da LDB, determina que a educação básica contribua para o ensino médio com o “aprimoramento como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 1996). No artigo 27, inciso I, ainda é possível encontrar uma diretriz que conduz para a “difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática” (BRASIL, 1996).

A expansão do ensino da Filosofia no Brasil aconteceu como tipo de oferta, sobretudo após o ano de 2006, data em que foram protocoladas no Conselho Nacional de Educação (CNE) e aprovadas pela Secretaria de Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação (MEC) as diretrizes curriculares das disciplinas de Sociologia e Filosofia para o ensino médio.

2.5 As ferramentas de comunicação no ensino de Filosofia

Partimos do princípio de que os professores e as escolas conhecem o documento dos parâmetros curriculares que trata de valores da cidadania e ampliação do significado dos objetos sociais e culturais da educação (SÃO PAULO, 2010), produzido pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEE-SP). Esse documento apresenta o item “Filosofia para o ensino médio”.

O que nos chama a atenção é o objetivo da Filosofia dentro da escola regular, segundo o documento da SEE-SP, não se limitar ao mero enriquecimento intelectual dos secundaristas. Para que haja um acolhimento do exercício do filosofar, é preciso envolvê-lo quanto a sua capacidade de utilizar conhecimentos advindos das mais diversas situações. Essa capacidade de pensamento transpõe a mera repetição de informações, ao mesmo tempo em que se apoia nos conhecimentos já produzidos. A necessidade de fazer do cotidiano do estudante uma forma de produzir informação é um dos desafios desta dissertação. Esta pesquisa considera a realidade como fonte empírica de conhecimento, quando o professor oferece ao estudante a possibilidade de refletir filosoficamente sobre seu próprio contexto social.

Ao apresentar as proposta curricular para as aulas de Filosofia (SÃO PAULO, 2008), a SEE-SP traz ferramentas conceituais que animam o debate multidisciplinar no ensino médio, elevando os padrões da educação básica: “São muitas as combinações possíveis, permitindo um saudável intercâmbio de ideias, com benefícios para alunos e professores” (SÃO PAULO, 2008, p. 42).

Para os parâmetros curriculares estaduais (SÃO PAULO, 2010), o professor deve planejar momentos nos quais os alunos trabalhem em busca do conhecimento, entrando em contato com diversas ideias, materiais, ações e técnicas, com vistas à aprendizagem.

Entendemos que dessa forma o uso das ferramentas de comunicação no ensino de Filosofia enfrenta obstáculos na medida em que se predispõe a pensar o exercício do filosofar em forma de conversa. A comunicação estabelecida pela oralidade não consegue descrever as infinitas possibilidades de pensamentos, coisas e seres existentes ao nosso redor. As formas de individualidade desaparecem no momento em que nos pautamos somente na razão, na subjetividade, na consciência e no ego, o que não é nada além de uma destruição do saber. O Ocidente construiu na figura do homem um processo de desaparecer, segundo o qual não dizemos as coisas porque pensamos, mas com o fim de autodestruição, para não as pensar mais.

Sabendo disso, a educação pode utilizar a comunicação como ferramenta para que as pessoas possam falar aquilo que sentem e pensam, a ponto de se colocarem no mundo para se compreender neste tempo e espaço como sujeitos autônomos. Como afirma Vaccari (2015, p. 93):

A comunicação do saber não pode ser guiada por regras determinantes; não pode ocorrer tal como no plano das disciplinas orientadas pelo princípio da delimitação ou no das ciências em geral, nas quais se pode simplesmente imitar os passos indicados pelo autor para chegar aos mesmos resultados.

A comunicação comercial no Brasil, desde a década de 1970, por conta do Decreto nº 79.726 (BRASIL, 1977), de outorga e radiodifusão, está à disposição da elite brasileira para suprimir as diferenças sociais e culturais do país. Neste contexto, quando colocada a serviço dos grandes monopólios, os meios de comunicação oficiais tornam-se um balcão de negociação de produtos colocados à venda em suas vitrines 24 horas por dia, sem interrupção, todos os dias do ano. Quando se pautam única e exclusivamente em fins comerciais, os meios de comunicação dificilmente identificam seus interlocutores para além dos princípios da competição. A base destes valores apregoados pela grande mídia para seus telespectadores é o

consumismo, hábito oposto ao valorizado pela comunicação comunitária, que aprecia o apoio mútuo e a reciprocidade de interesses solidários.

Uma das identidades da humanidade é associada à solidariedade e à compaixão²: “a linguagem humana que permite, igualmente, falar por falar, dizer qualquer banalidade, pelo prazer de se comunicar com o outro” (MORIN, 1999, p. 53). Dentro das aulas de Filosofia, a comunicação estabelece-se como processo possível para percorrer caminhos complexos, uma vez que a oralidade, tal qual a utilizamos para nos constituir como sujeitos, consegue abarcar todo o acúmulo de conhecimento já produzido pela história humana.

Ao mesmo tempo em que somos fruto deste contexto histórico-social, construímos uma concepção de escola que nos ensina a isolar os objetos de seu ambiente, separando-os em disciplinas em vez de reconhecer suas correlações. Cada época tem seus problemas específicos, necessitando de novas respostas e abordagens que possam resolver ou ao menos amenizar a situação posta. Valores como solidariedade, fraternidade, liberdade e amor devem ser cultivados constantemente, para que possam alcançar todos aqueles que participam e que ainda participarão do convívio social. Por outro lado, faz-se necessário entender a ação do professor como responsável pela produção de comunicação no espaço formal de ensino.

A Rádio Latorre é decorrência das práticas e experiências do professor de Filosofia junto aos estudantes da EE “Profª Lucy Anna Carrozo Latorre”; nela foi colocada em prática a criação de um canal de radiodifusão na internet para veicular as informações produzidas pelos estudantes a partir dos seus pontos de vista. Essa rádio trouxe ao estudante a possibilidade de começar a ouvir e refletir sobre sua própria fala, responsabilizar-se pelo conteúdo produzido para as outras pessoas que têm acesso aos programas via internet, além de vivenciar todas as etapas de um programa de rádio elaborado coletivamente.

É possível que, neste momento da pesquisa, o leitor tenha dúvidas sobre a forma como são construídos os programas nas aulas de Filosofia da escola pesquisada, interrogando-se a respeito de como o rádio pode produzir conhecimento sistematizado e possibilitar aos estudantes sair do senso comum. Para explicar essa prática, precisamos demonstrar primeiramente como acontece a elaboração dos programas na EE “Profª Lucy Anna Carrozo Latorre”.

² “Impulso para a comunicação, isto é, o impulso para cultivar [*ausbilden*] alguém sob aqueles aspectos em que nós somos particularmente cultivados, o impulso para tornar, tanto quanto possível, cada um dos outros iguais a nós mesmos, ao que somos de melhor.” (FICHTE, 2014, p. 38)

Utilizando-se da metodologia CBJM, o professor sugere aos alunos que se subdividam em grupos de três a sete estudantes, deixando claro que o trabalho, assim como qualquer outro, pode ou não valer nota; o valor da avaliação poderá ser igual para todos os participantes envolvidos no processo e não individualizada. Sendo assim, ele colabora para valorizar a criatividade dos discentes evitando o nervosismo pela qualidade de algo que nunca fizeram, ou até mesmo disputas por notas dentro do grupo. Tais ações, durante o processo de concepção dos trabalhos, incentivam os jovens a participar, pois serão eles os avaliados pelo envolvimento no projeto e não somente pela nota dada ao produto final. Desse modo, o professor também incentiva os mais tímidos a expor para os colegas aquilo que pensam a respeito do assunto elaborado coletivamente, proporcionando um envolvimento ativo deles.

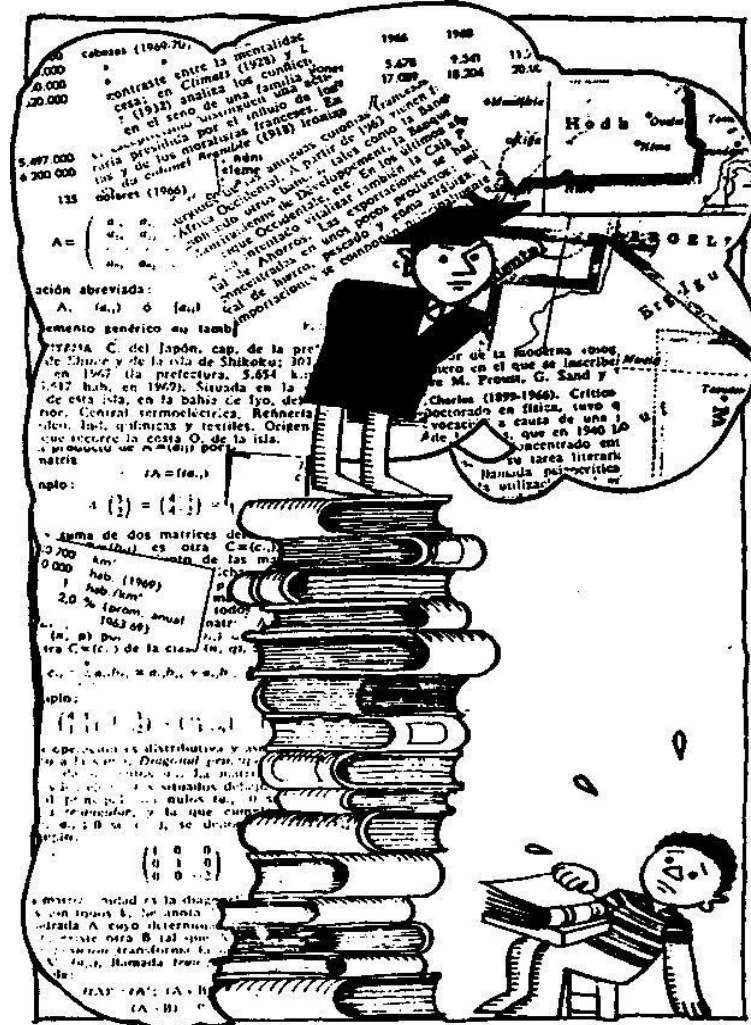
A experiência com a rádio escolar sugere que se trabalhe com uma quantidade limitada de pessoas por grupo, em razão da maior facilidade de estabelecer conversas em rodas menores de diálogo; estas também oferecem a oportunidade de o professor ouvir e trabalhar mais atentamente com cada um de seus alunos, e compreender o modo como elaboram seus pensamentos e raciocínios. O processo de escolha das equipes é fundamental nesse momento, pois traz a ideia de eles produzirem coletivamente programas que demonstrem quem são, de que localidade falam e até mesmo quais são os seus olhares sobre a vida.

A realização dos programas de rádio nas aulas de Filosofia visa ao exercício do filosofar e ao desenvolvimento, junto ao estudante, de um olhar que desvende as deturpações propagadas pelo senso comum, conceitos-base da competição e manutenção do poder. Mais uma vez, é preciso destacar o desafio do educador em enfrentar a pouca circulação de ideias críticas dentro do espaço regular da escola. Quanto mais os professores, em seus cursos de formação, puderem entrar em contato com essas questões para eles mesmos, tecerem considerações a partir da vivência de produção coletiva de comunicação, maiores serão as chances de também eles retornarem ao que foram um dia, de resgatarem o que tiveram diminuído ou perderam com o tempo.

Empregar a comunicação no ensino de Filosofia somente foi possível pelo fato de já haver uma experiência como a do CBJM. A compreensão do grupo em relação à garantia do direito à produção de comunicação por pessoas leigas no assunto, pautado na Constituição brasileira, processou-se como fundamental para relacioná-lo a esta pesquisa.

O próximo capítulo dedica-se a apresentar o surgimento do CBJM, a origem do Programa Cala-Boca Já Morreu na Rádio Cidadã, bem como a sua metodologia, além das ações e eventos aos quais prestou serviços.

Ilustração 2 – Professor tenta transmitir os conteúdos acumulados ao aluno



Fonte: KAPLÚN (1998, p. 95).

3 EXPERIÊNCIAS DO PROJETO CALA-BOCA JÁ MORREU – PORQUE NÓS TAMBÉM TEMOS O QUE DIZER!

Este capítulo apresenta o conjunto de ações e experiências do Projeto Cala-Boca Já Morreu como uma prática em educação articulada com os meios de comunicação, em especial jornal, rádio e vídeo (vide apêndices e anexos), buscando assegurar o direito de as pessoas produzirem informações a partir do seu próprio ponto de vista.

3.1 O uso da comunicação na Educação, segundo os artigos 220 e 221 da Constituição brasileira

A prática pedagógica usou os meios de comunicação com maior intensidade já nos anos 1970, com a propagação de centros de documentação da cultura popular em vários países da América Latina, que propunham uma comunicação alternativa como forma de resistência aos regimes autoritários do continente. No Brasil, essa proliferação teve início na década de 1990, no momento em que começavam a ser pensados os objetivos de uso dos meios de comunicação nas escolas regulares, visando a promover a gestão democrática na escola e partindo do princípio do respeito mútuo entre todos os setores que ocupam o espaço escolar. Comprometido com as mudanças da realidade social, Kaplún, que foi pioneiro nessa prática, desenvolveu uma pedagogia “libertadora e problematizadora” (LIMA, 2002, p. 23) que utilizava os meios de comunicação coletivos para estimular a reflexão crítica, pois a racionalidade do pensamento não se ensina nem se transfere.

Todos aqueles que lidam com educação deveriam vir a uma oficina como essa e conhecer essas coisas. Agora percebemos que a comunicação não é uma “especialidade”, mas está presente em toda a educação. Que não se aplica apenas a um jornal, quadro de avisos ou fita cassete: para qualquer ação educacional, mesmo aquela que é feita de maneira interpessoal, é preciso saber sobre comunicação. (KAPLÚN, 1985, p. 9, tradução nossa)

Quando se trata de comunicar, é preciso dizer de qual ponto de vista se está falando, ou que tipo de comunicação se tem a intenção de produzir, pois, ao nos comunicarmos, estamos envolvidos na construção do conhecimento; além disso, criamos a possibilidade de entender o domínio cultural e histórico das estruturas verticais que caracterizam as intercomunicações. Para Kaplún, as teorias adquirem maior significado quando são colocadas em prática pela comunicação; por essa razão, em seu método há três características, chamadas de “oficinas de leitura crítica” (LIMA, 2002, p. 24):

1) cumplicidade entre emissor e receptor: no que se refere ao emissor, há cumplicidade, consenso e um código ideológico comum que o identifica. O receptor não é uma vítima passiva e indefesa diante do poder dos meios de comunicação, porque os meios são canais (veículos, difusores) – privilegiados, certamente – e não fontes de informações.

2) decodificação do código: a capacidade de leitura crítica dos meios de comunicação deve passar pela decodificação do código subjacente no imaginário, o que se consegue com análises rigorosas e sistemáticas das mensagens. Analisar as mensagens significa promover o confronto entre os valores divulgados pelos meios e os outros que estão presentes nos receptores, gerando um desvelamento do primeiro e o conflito entre ambos.

3) compreensão do funcionamento do sistema: não há formação do senso crítico do receptor sem a compreensão do funcionamento do sistema de meios e do seu poder de sedução sobre o usuário.

O ponto em comum entre a Rádio Latorre e o Projeto CBJM é a construção da cidadania. No Brasil, esse ponto ganhou importância principalmente pelos artigos 220 e 221 da Constituição Federal de 1988, os quais detalham a importância da comunicação como um direito de todos à liberdade de expressão.

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

Art. 221. A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

- I - Preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;
- II - Promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;
- III - Regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;
- IV - Respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família. (BRASIL, 1988)

O Educom.rádio – Educomunicação pelas Ondas do Rádio –, desenvolvido de 2001 a 2004 pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP) e pelo NCE/ECA/USP, capacitou cerca de 12 mil pessoas, entre estudantes, professores e membros da comunidade escolar, visando à implementação de atividades educacionais nas escolas da rede pública municipal da cidade de São Paulo. O projeto surgiu como parte do Projeto Vida da prefeitura paulistana, coordenado pela professora Dirce Gomes e desenvolvido em 2001 para combater a violência nas escolas. Nesse curso, alunos, professores e comunidade aprenderam a usar o rádio e recursos de comunicação na escola, para discutir os mais variados assuntos e promover a paz no ambiente escolar.

3.2 O nome do projeto

“Cala-boca” é uma expressão muito usada no Brasil, pelos adultos em particular; muitas vezes, quando uma criança busca participar das conversas de pessoas mais velhas, para emitir sua opinião em decisões importantes, ouve essa expressão dos adultos. Para esse tipo de adulto, “gente pequena que se intromete em assunto de gente grande é atrevida e desrespeitosa” (LIMA, 2002, p. 69).

“Cala-boca já morreu”, por outro lado, é uma expressão usada, em geral, por crianças que receberam a ordem de se manter caladas, mas se veem no direito de também participar do que dizem os adultos. Traz consigo a denúncia do autoritarismo adulto e, ao mesmo tempo, uma reivindicação: ser incluída no espaço de discussão e definição dos rumos da vida das pessoas e da coletividade (LIMA, 2002, p. 70).

O subtítulo “porque nós também temos o que dizer!” quer destacar que todas as pessoas, independentemente de sua origem ou condição social, fazem reflexões e têm a capacidade de se posicionar sobre todas as questões do conhecimento relacionadas à vida. Esse nome traduz, por fim, a intenção do projeto de incluir e garantir espaços de expressão das pessoas nos meios de comunicação.

3.3 Programa “Cala-Boca Já Morreu”

O Programa “Cala-Boca Já Morreu” teve, durante dois anos, duas horas de duração ao vivo todo domingo, e proporcionou aos participantes a experiência de realizar entrevistas com ouvintes que faziam ligações para a emissora e, gradativamente, de fazer reportagens com especialistas das mais diversas áreas – política, saúde e cultura. A primeira edição do programa foi ao ar no dia 20 de agosto de 1995. Segundo o professor Donizete – um dos idealizadores do CBJM, ao lado da coordenadora Grácia Lopes Lima –, as crianças rotuladas como problemáticas tinham no espaço da rádio pensamentos e voz ativa, pois não se encaixavam no perfil exigido pela escola, espaço que se tornou “chato” e desmotivador de se frequentar.

Assim, com tempo o grupo foi conseguindo conversar sem decorar textos, dominar novas tecnologias e entender a linguagem dos meios, tornando a informação uma forma de acesso ao conhecimento. Na época, a mídia ficou impressionada ao ver a capacidade de um grupo de crianças leigas em comunicação dar conta de todas as esferas envolvidas em um programa de rádio. Dividido em partes, chamadas de blocos, o programa era composto por

assuntos sugeridos por cada criança para fazer parte da apresentação. A professora Grácia descreve, em sua dissertação, como eram levantados os temas nos encontros semanais com a coordenadora (LIMA, 2002).

Os blocos constituídos eram:

- **Notícia quente é com a gente:** informações, comentários e entrevistas de interesse do grupo e dos ouvintes sobre algum acontecimento que tivesse marcado a semana, publicado pela mídia ou com grande repercussão no entorno da comunidade.

- **Acorda, meu filho!:** reclamações sobre assuntos relacionados a maus tratos, especialmente na família ou na escola, trânsito, novas leis, entre outros. O bloco foi uma forma encontrada para alertar a população sobre ações que desrespeitam a criança.

- **Espaço sideral:** notícias, comentários e entrevistas a respeito de planetas, estrelas e viagens pelo universo.

- **Criança ecologia:** informações sobre a natureza e o meio da cidade, e em alguns programas, debates e entrevistas.

- **Leitura da hora!:** comentários a respeito de leituras de livros, revistas e matérias de jornais. Acontecia, às vezes, em formato de entrevista.

- **Nham, nham...:** receitas de pratos que haviam sido ou podiam ser feitos por crianças.

Quadro 5 – Veículos de atuação do Projeto Cala-Boca Já Morreu

Período	Veículo: rádio
ago 1995 – jul 1997	Rádio Cidadã – emissora comunitária do Jardim Bonfiglioli, São Paulo (SP)
mar 2001 – jan 2001	Rádio Charme – emissora comunitária do Rio Pequeno, São Paulo (SP)
nov 2001 – set 2002	Rádio Guadalupe – emissora comunitária de Quitaúna, Osasco (SP)
nov 2001 – dez 2002	Rádio 8 de Dezembro, emissora comunitária de Vargem Grande Paulista (SP)
Período	Veículo: jornal
maio 1996 – jul 1997	Rede Associada de Jornais de Bairro
jun 2000	Boletim informativo do GENS – Serviços Educacionais, Jaguaré (SP)
Período	Veículo: vídeo
dez 1998 – mar 1999	Canal Comunitário da Cidade de São Paulo (SP)

Fonte: LIMA (2002, p. 58).

3.4 Metodologia pedagógica do Projeto Cala-Boca Já Morreu

De início, queremos esclarecer que a prática do CBJM foge dos padrões da educação formal e se encaixa no campo da Educação pelos meios de comunicação. Sua principal preocupação é a produção de comunicação ser

[...] um direito humano a ser exercitado por todas as pessoas; que as tecnologias e linguagens midiáticas podem ser utilizadas como instrumentos possibilitando aos envolvidos viverem processos de criação, reconhecerem-se nas próprias palavras e imagens que produzem; que através do exercício de envolvimento consigo e com o outro é possível ressignificarem suas histórias pessoais e coletivas. (LIMA, 2009, p. 51)

Esse procedimento busca demonstrar que a comunicação pode contribuir para a formação de gente que, ao falar pelo rádio, aprende a cuidar mais de seus sonhos, necessidades e projetos. Nesse campo, a informação é o elemento fundamental para o processo de educação; as pessoas encontram nela a possibilidade de discutir os assuntos que querem desenvolver, fazendo pesquisas ou entrevistando profissionais ligados aos assuntos tratados.

Nesta etapa da metodologia, segundo detalhamento do Projeto CBJM, o grupo dá concretude às ideias coletivamente escolhidas para as produções: decide gênero e formato mais conveniente para a proposta, define a duração da produção, divide tarefas conforme as necessidades etc. Quando se trata de realizar oficinas, a ação é planejada em encontros com estimativa de três horas de duração, cuja dinâmica pressupõe a vivência de três momentos:

1) grupão: os participantes e cinco mediadores planejam juntos o dia, organizam os horários e compartilham as novidades e as reflexões da semana. Essa é uma maneira de contribuir para que todos aprendam a se envolver com o planejamento – atividade necessária para a formação de sujeitos.

2) grupinhos: os participantes são divididos em grupos com até cinco pessoas cada, acompanhados de um mediador, com o objetivo de criar e desenvolver um programa de rádio, além do aprofundamento temático nas questões identificadas pelo grupo.

3) grupão: os participantes reúnem-se mais uma vez, agora para a apresentação ao vivo de um programa de rádio produzido coletivamente, para tecer considerações em relação ao processo e ao produto, e para planejar os próximos passos. Momento de aguçar os ouvidos, de perder a timidez, de procurar objetividade; tempo de aprimorar a interlocução.

Conforme descreve Lima (2009, p. 54):

A metodologia Cala-boca já morreu se concebe como um modo de produzir comunicação que se pauta pelo uso da palavra como exercício do pensamento, a partir da aprendizagem da escuta, não só de vozes dos outros, mas principalmente das nossas próprias; ela nos leva a reconhecer o papel que desempenhamos nas diferentes esferas sociais que explica a “engrenagem” do tipo de vida que mantemos.

Tal metodologia tornou-se fonte de inspiração para o que esta dissertação compreende como exercício do filosofar, pelo qual a palavra do estudante vai aos poucos se transformando em prática do pensamento, usando como estrutura de criação a escuta de si e daquilo que reproduz para as outras pessoas. Morin (1999, p. 64) descreve claramente esse modelo de ação reflexiva:

É necessário, entretanto, ensinar e aprender a saber distanciar-se, saber objetivar-se e aceitar-se. Seria igualmente necessário saber meditar e refletir a fim de não sucumbir a essa chuva de informações que nos cai sobre a cabeça, ela mesma sucumbida pela chuva do amanhã, que nos impede de meditar sobre o acontecimento presente no cotidiano, não permitindo que o contextualizemos ou que o situemos. Refletir é ensinar, e uma vez que foi possível contextualizar, compreender, ver qual pode ser o sentido, quais podem ser as perspectivas. Mais uma vez, para mim, a linha de força de uma sabedoria moderna consistiria na compreensão.

Os debates a respeito dos processos de aprendizagem exigem dos envolvidos uma disposição que contribui para a transformação do conhecimento em saber sistematizado e, com isso, evita um conhecimento estéril; organizar o pensamento que decifra informações é fruto de uma cabeça apta a conhecer. Quanto mais desenvolvida é a inteligência, maior é a capacidade de lidar com e solucionar problemas. Por esse motivo, a educação deve favorecer a aptidão natural da mente para identificar e resolver os problemas e, correlativamente, estimular o emprego da inteligência. Ensinar a pensar é um ato de direcionar ideias; nele busca-se compreender caminhos que guiam a sabedoria.

Por meio do exercício da autoescuta, a metodologia CBJM favorece uma abertura para a condução e o aprimoramento dos processos do aprender a aprender. Pautado pelo apoio mútuo, o projeto atua para a ampliação da perspectiva de mundo dos sujeitos, acreditando ser a produção coletiva de comunicação uma maneira corajosa de encarar a negação da vida que se regula pela competição entre as pessoas, tão bem aceita socialmente e totalmente antagônica ao respeito entre os seres autônomos idealizado por este projeto de vida.

3.5 Atividades do Projeto Cala-Boca Já Morreu

Em 2010, a organização esteve envolvida na criação do Projeto Trecho 2.8 de Criação e Pesquisa em Comunicação³, empreendimento solidário que atua na área do direito à comunicação e no trabalho de produção de comunicação na perspectiva da economia solidária. Essa proposta envolve adultos que enfrentam algum tipo de discriminação e desigualdade social, como pessoas em situação de rua, acometidas por transtornos mentais, usuárias dos serviços de albergue ou de centros de atenção psicossocial (Caps), e moradores de ocupação, cortiço, pensão ou favela. Constitui também um espaço de formação, estágio e aprimoramento de profissionais de Caps e de estudantes universitários interessados na educação não formal.

Nos últimos cinco anos, o CBJM vem trabalhando com a formação de grupos, utilizando-se dos meios de comunicação. Além disso, desenvolve oficinas de escuta direta com crianças e adolescentes, pois:

A criança tem direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de procurar, receber e expandir informações e ideias de toda a espécie, sem considerações de fronteiras, sob forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha da criança. (BRASIL, 1990)

Como atividade desenvolvida, em 2012 a organização idealizou o Projeto Rádio Ambiente 21 e o Programa Juventudes do Sesc São Paulo, dirigido ao público jovem de 13 a 29 anos de idade nas seguintes unidades do Sesc: Bom Retiro, Campinas, Consolação, Interlagos, Pompeia e Santo André. O objetivo era contribuir para que os participantes vivenciassem processos formativos pautados pelos princípios da cogestão, ou seja, pela horizontalidade das relações como possibilidade de uma outra convivência social, marcada pelo fortalecimento de cada um dos envolvidos nos grupos de que escolhem fazer parte.

Em 2015, foi desenvolvida a pesquisa “Criança, Mídia e Consumo na Formação de Professores”, que envolveu parceria entre o Instituto Alana, a Ufscar e a UFG. Foi levantada documentalmente a presença dos temas criança, mídia e consumo em planos de ensino de cursos de Pedagogia e licenciaturas. No final do mesmo ano, foi finalizado o Projeto Jáê – Criando a São Paulo que a Gente Quer –, um dos 62 projetos de inclusão, cidadania e cultura digital para a cidade de São Paulo selecionados pelo Edital Redes e Ruas, parceria entre as Secretarias Municipais de Cultura, Direitos Humanos e Serviços. A proposta objetivou

³ Informações sobre o Projeto Trecho 2.8 disponíveis em: <<http://www.trecho2ponto8.com/sobre>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

realizar 11 oficinas de rádio em telecentros localizados em bibliotecas municipais, clubes-escola e centros educacionais unificados (CEUs), além de cinco eventos em praças Wifi Livre SP, totalizando 16 intervenções; as atividades durante nove meses estiveram voltadas para a escuta direta de crianças e adolescentes sobre as áreas temáticas mobilidade, lazer/cultura, moradia, saúde, segurança e educação.

Entre as ações de 2016, o projeto desenvolveu a segunda etapa da oficina Rádio Reserva, no Sesc Bertioga, trabalhando a linguagem do rádio para conhecer os participantes que moram no entorno da reserva ambiental do Parque Estadual Restinga de Bertioga, com a intenção de cobrir a inauguração da Reserva Natural Sesc.

No ano de 2017, o CBJM realizou uma oficina de escuta direta de crianças e adolescentes, estudantes que participavam do grêmio de escolas de ensino fundamental II e médio, sobre temas relacionados a currículo e práticas escolares, durante o V Fórum Infanto-Juvenil de Bauru – Semana da Educação Municipal de Bauru, no Sesc Bauru. Em 2018, colaborou para a criação de uma rede de comunicação entre jovens de comunidades quilombolas do Vale do Ribeira. Esse foi o objetivo da Oficina de Rádio do CBJM realizada a convite da Equipe de Articulação e a Assessoria às Comunidades Negras do Vale do Ribeira (Eaacone).

Ilustração 3 – A comunidade ouvinte da rádio participando da programação



Fonte: KAPLÚN (1998, p. 48).

4 ANÁLISE DO EXERCÍCIO DO FILOSOFAR EM PROGRAMA DE RÁDIO

Neste capítulo estão relatadas as atividades elaboradas e desenvolvidas pela Rádio Latorre, assim como as inspirações de ideias e valores envolvidos em sua criação, um projeto escolar que busca deslocar os estudantes do papel de consumidores de tecnologia para o de criadores de conteúdo por meio dela, usando o rádio como principal veículo de comunicação.

4.1 Contexto de criação da Rádio Latorre

Falar em educação é referir-se igualmente ao conhecimento, ferramenta imprescindível da prática educacional.

(SEVERINO, 2012, p. 96)

Essa proposta, desenvolvida no ensino médio, está baseada em apresentar ao aluno uma perspectiva diferente da de simples usuário ou consumidor de tecnologia. O motivo é a necessidade de deslocar os alunos do papel de consumidores para o de produtores de conteúdos, bem como a de levá-los a exercitar o pensamento filosófico.

O projeto Rádio Latorre foi concebido pelo professor de Filosofia Jefferson de Souza Santana junto aos estudantes de ensino médio da EE “Profª Lucy Anna Carrozo Latorre”, situada na região de Osasco, na Grande São Paulo. Os programas são realizados com todas as séries do ensino médio da escola. Produzidos coletivamente nas aulas de Filosofia, os programas da rádio – como visto nos capítulos anteriores relacionados ao CBJM – propiciam a ampliação das vozes dos jovens para compartilhar aquilo que sentem e pensam a respeito de suas próprias vidas dentro e fora do ambiente escolar, buscando sempre que possível uma estreita relação com os temas da tradição filosófica; assim, evidenciam a possibilidade de, a partir do diálogo, estabelecer na produção de comunicação características existenciais, subjetivas, de respeito mútuo e afetivas fundamentais do exercício do filosofar, mobilizando-as no sentido da construção de seus saberes.

A autoética implica inicialmente evitar a baixeza, evitar ceder às pulsões vingativas e maldosas. Isto supõe muita autocrítica, autoexame, aceitação da crítica do outro. Diz respeito, também, aos universitários e aos professores de filosofia, que não são melhores do que ninguém, mesmo que a despeito dos manuais de filosofia. A autoética é, antes de mais nada, uma ética da compreensão. Devemos compreender que os seres humanos são seres instáveis, nos quais há a possibilidade do melhor e do pior, uns possuindo melhores possibilidades do que outros. Devemos compreender

também que os seres possuem múltiplas personalidades potenciais e que ocorrem com eles e que podem liberar alguns deles. (MORIN, 1999, p. 61)

Praticar a reflexão por meio da oralidade significa provocar no secundarista a intuição da mediação de seu próprio processo de construção do pensamento, aspecto essencial do conhecimento, haja vista a pluralidade dos diversos pontos em comum existentes na constituição de grupos.

Pensando nessa ocasião da observação de como se elabora o raciocínio por meio da fala, não há como negar que a expressão do pensamento pela palavra possibilitou-nos uma ideia sobre nossa constituição histórica enquanto seres pertencentes uma cultura latino-americana. Entrar no campo da reflexão a partir da oralidade não é uma tarefa fácil, ainda mais no campo da Filosofia; lembramos ainda as complexidades existentes no campo da fala como forma de expressão. No Brasil, constituímos-nos como uma população de raízes europeias, africanas e ameríndias, e dois terços dessa influência têm na língua uma relação de resistência das ideias linguística e cultural. Para se ter noção, somente a matriz tupi, encontrada no litoral do território brasileiro, somava quase 1 milhão de índios, espalhados em dezenas de conglomerados tribais, chegando algumas aldeias a ter de 300 a 2 mil habitantes (FERNANDES, 1949, p. 42). Ignora-se que nesse tronco, especialmente, por conta da chegada dos portugueses, os povos nunca puderam unificar-se em uma organização política que lhes permitisse atuar com outras etnias.

Como descreveu Eduardo Viveiros de Castro (2015, p. 37), os ameríndios tinham uma concepção segundo a qual os europeus, com sua visão eurocêntrica de mundo, estavam contaminados pela “apercepção”, pois identificavam nos indígenas alma diferente da sua; às vezes eles duvidavam de que o europeu tivesse alma. Diferentemente dos ameríndios que aqui estavam, estruturados em tribos autônomas sem a divisão de estratos sociais, os portugueses trouxeram aquilo que existe de mais velho nas civilizações urbanas divididas em classe, negando a fusão das diferentes matrizes caracterizadas pelo sincretismo e a constituição de um povo novo.

Quando algo novo surge fora da ordem, é visto como complicado e subjogado como confuso. As contradições e divergências são logo desvalorizadas. A valorização do conhecimento não se faz pelo exercício das relações entre as informações; ela se forma visando ao enquadramento, fazendo com que as organizações das ideias aconteçam dentro de um contexto único e imutável. O modelo imutável de ensino pautado na relação entre realidade e observação, como princípio de investigação de todo pesquisador, não se deve

acomodar no fenômeno das representações imediatistas obtidas pela análise isolada do fato em si.

Para Morin (2007a, p. 42), “a comunicação é comunicação de informação às pessoas ou grupos que podem entender o que significa a informação”. Comunicar-se de forma clara e inteligente faz com que o idealizador do pensamento trabalhe, junto com seus colegas, o processo de se ouvir em uma aproximação afinada com a reflexão filosófica, cuja característica central encontra-se no respeito às diferentes formas de aprendizado dos estudantes. Utilizado como ferramenta pedagógica, o recurso da comunicação estimula o surgimento do espírito investigativo dos jovens. Logo nos primeiros programas da Rádio Latorre, foi possível identificar que as pautas levantadas pelos adolescentes estavam relacionadas aos problemas existenciais, a ideias, valores e sentimentos.

Perante isso, percebemos como característica da atividade a reflexão sobre os mais variados aspectos da vida, sem abandonar as investigações que contribuem para o desenvolvimento do espírito problematizador e o ensino da Filosofia na escola. A criação de conceitos, dentro da cultura filosófica, é uma experiência de pensamento radical e crítica, deslocada do lugar do senso comum, estimuladora consciente que toma sua própria consciência como ferramenta investigação do mundo.

A partir do momento em que as aulas de Filosofia se limitam ao que está disposto no currículo da disciplina, o ensino é prejudicado pela segregação do saber, fechando-se em si mesma, reproduzindo ideias impostas aos estudantes como regras pré-estabelecidas, alicerçadas na disputa de poder e na competição entre as pessoas, valores facilmente absorvidos pelos educandos. Uma educação pautada somente na técnica de ensino nega acesso aos conhecimentos que se transformariam em saber, fortalecendo, assim, os privilégios de uma classe dominante que há muito tempo extrai vantagens dos estudantes brasileiros, transformando-os em mão de obra barata e apropriada para os subempregos. Na escola, tal como na sociedade, as relações tendem a se perpetuar. Segundo Donizete Soares (2018, p. 11), “o que acontece na escola não é somente a reprodução do que acontece na sociedade, mas também ensaio e aperfeiçoamento das ações realizadas fora da escola”.

O aniquilamento da curiosidade difundido amplamente nos espaços formais de educação desenvolve experiências do não exercício da inteligência, fazendo com que não exista a possibilidade do despertar para a investigação. A relação de divisão das ciências não só trouxe as vantagens da divisão do trabalho, mas também os inconvenientes da superespecialização e do despedaçamento do saber. Estimular a inteligência significa organizar as informações inseridas em diferentes contextos. Produzir comunicação no ensino,

por sua vez, colabora para o reconhecimento do pensamento que se pensa, que duvida, viabilizador dos saberes articulados.

Efetivamente, a inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão a longo prazo. Sua insuficiência para tratar nossos problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas que enfrentamos. (MORIN, 2006a, p. 14)

De fato, o saber que fragmenta o pensamento do mundo separa os problemas, atrofiando as diversas possibilidades corretivas ou de visão a longo prazo. No momento em que algo surge fora da ordem no contexto escolar, é visto frequentemente como complexo, no sentido de ser complicado, ou é subjugado como confuso. As contradições, os não acordos e as divergências são desvalorizados, findando a condição de se aprender com as diferenças. Algumas das provocações desta pesquisa pautam-se nos desafios das escolas em lidar com o aprendizado que surge das diferenças e contrastes e amplia a condição de conhecimento.

4.2 Declaração Universal dos Direitos Humanos à luz do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)

O alicerce de criação dos produtos da Rádio Latorre é a reflexão acerca da elaboração do conhecimento, bem como da literatura e da poesia, alimentando-se ao mesmo tempo da produção científica contemporânea. Baseia-se no artigo XIX da Declaração Universal dos Direitos Humanos, segundo o qual:

Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteira. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2009, p. 10)

Como projeto escolar, a Rádio Latorre tem como intenção favorecer o exercício do debate, aproximando os diferentes olhares dos estudantes e suscitando temas, abordagens, interfaces e conexões que permitam relacionar conhecimentos divergentes entre si. Esse projeto escolar ainda aprofunda a discussão acerca do “direito à instrução gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2009, p. 14), como uma experiência para o diálogo, considerando a importância da visão sistemática e crítica do ensino.

Na base da criação da rádio, do mesmo modo está o ECA (BRASIL, 1990), do qual extraímos informações com relação ao histórico de conquistas dos movimentos sociais de luta pelos direitos da criança e do adolescente, fortalecidos sobretudo pela Convenção Internacional Sobre os Direitos das Crianças, de 1990, data em que se conseguiu construir um olhar jurídico a respeito do assunto, em paralelo à redemocratização do Brasil. Destacamos a Lei nº 8.069, de julho de 1990, que dispõe sobre o ECA e estabelece, no artigo 3º:

A criança e ao adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. (BRASIL, 1990)

Observamos que, apesar de termos avançado na consolidação de uma regulação jurídica nos campos da infância e da adolescência, tanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2009) quanto o ECA (BRASIL, 1990) ainda se mostram como complementares das questões relacionadas ao direito do jovem de se expressar livremente dentro do ambiente escolar. A relação entre expressar-se de forma livre e o exercício do filosofar está no fato de os jovens terem garantida, na produção de comunicação coletiva dentro da escola, a possibilidade de colocarem aquilo que sentem e pensam sem serem coagidos por professores, diretores ou responsáveis. Contudo, não nos referimos à expressão de comunicação livre pautada na *doxa* (opinião), mas a um exercício do filosofar de pensar o que se pensa, que ultrapasse as barreiras impostas pelo senso comum, para que em seguida se possa produzir diálogo com o conhecimento junto aos companheiros de classe.

4.3 Concepção de ensino da rádio escolar

Educação e política têm alguma coisa a ver
 Se você pensa na escola vai entender...
 Português é ensinado sem o prazer pela leitura
 E Matemática vem como uma grande tortura
 Não nos ensinam a pensar, apenas memorizar
 E sem operação mental vão nos deseducar
 Quando chega em História, a vergonha é total
 A mentira é imensa e nada de vida real
 Falsos heróis são criados para esconder os verdadeiros
 Como Zumbi dos Palmares, nosso grande guerreiro.

(CUNHA; GONZAGA; SANTOS, 1997, p. 19)

Quando pensamos o currículo escolar, principalmente o de Filosofia, é possível considerar a educação como favorecedora da aptidão natural da mente de resolver problemas, atuando correlativamente ao pensamento e sendo estimulada por ele. Tal concepção entende haver uma disposição da mente para colocar e resolver problemas e, ao mesmo tempo, para a reflexão do pensamento e dos sentimentos, bem como para os conceitos de investigação e inteligência.

Ao refletir sobre a qualidade da escola, é possível identificar os desafios de superação a ser encarados neste espaço; diferentes barreiras de inserção do aluno, inclusão, consolidação da cidadania, perda da motivação e desinteresse dos alunos, além da precarização da qualidade de ensino como um todo, que tem levado a um baixo desempenho dos estudantes. “Ao tomar o sujeito jovem em sua integralidade, torna-se mais possível apoiá-lo na sua construção de um papel de aluno que tenha sentido, e que faça parte de sua estratégia de desenvolvimento pessoal e social” (CORTI, 2004, p. 121).

Como escreve Morin (2003, p. 14), é preciso reformar o pensamento no tocante à perfídia cometida pela escola: “sua insuficiência para tratar nossos problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas que enfrentamos”. A educação concebida por esta dissertação orienta-se para a autoformação dos estudantes (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver e ensinar como se tornar cidadão); acredita-se que pensar significa refletir e esforçar-se para tentar alcançar o impensado. Buscar compreender o impensável, por sua vez, é uma luta constante do próprio pensamento. Elaborar um método para apurar as falhas deixadas pelo pensamento é uma contingência, uma espécie de jogo esperado pelo próprio processo de elaboração do raciocínio.

O ensino promove a convergência das Ciências Naturais, das Ciências Humanas, da Cultura da Humanidade e da Filosofia para a condição humana. Seria possível, daí em diante, chegar a uma tomada de consciência, pela coletividade, do destino próprio de nossa era planetária, em que todos os humanos são confrontados com os mesmos problemas vitais e morais. Para a Rádio Latorre, a escola pode ser um dos tantos ambientes disponíveis na direção do estabelecimento de diálogo com o adolescente, o que lhe permite desenvolver práticas pedagógicas apropriadas para sua fase de vida, trabalhando diretamente com a proximidade e a autonomia.

A identidade desses estudantes não acontece somente dentro da trajetória escolar, fazendo-se constantemente em espaços mais amplos de debate acerca de sua existência; por isso, esse projeto escolar busca olhar o jovem que existe para além do aluno.

4.4 A construção dos programas da Rádio Latorre

A partir deste momento, descreveremos o processo de construção dos programas da Rádio Latorre. Primeiramente, o professor demonstra aos estudantes da sala de aula os temas que serão trabalhados referentes aos parâmetros curriculares da SEE-SP (BRASIL, 2010). Na sequência, apresentam-se os conteúdos e as habilidades do currículo, elaborando um processo de reflexão e discussão acerca do que foi aprendido durante o período de exposição.

Os programas começam a ser elaborados após a compreensão dos conceitos das aulas ministradas por parte dos estudantes, visando ao aprimoramento do exercício do filosofar. As pautas debatidas para os programas radiofônicos pelos grupos têm como base as aulas de Filosofia; isso evita a proliferação do senso comum, de preconceitos e intolerância, e proporciona reflexão sobre a elaboração do conhecimento e do filosofar. O levantamento de ideias ocorre conforme visto na metodologia CBJM: os estudantes são subdivididos em grupos de três a sete pessoas e se delimitam os temas a serem trabalhados nos programas de rádio. Lembramos que não faz muito sentido para essa proposta de trabalho obrigar o aluno a falar de assuntos determinados pelo professor, pois isso romperia o processo de autonomia pautado na interrogação filosófica.

Três são as etapas da produção de um programa de rádio: abertura, conteúdo e encerramento. Na abertura, os estudantes cumprimentam os ouvintes, explicando o que será exposto naquele dia. Quanto ao conteúdo, apresenta-se aquilo que será abordado; todas as especificidades do assunto são desenvolvidas nesse momento. E, no encerramento, os estudantes agradecem a atenção dos ouvintes, mandam saudações e recados e se despedem, indicando quando serão as próximas gravações.

Depois de gravados os programas, ouve-se aquilo que foi produzido e os grupos se dedicam a fichar detalhadamente todos os programas realizados; isso faz com que o debate nas aulas de Filosofia seja ampliado. Nesse ponto, é possível identificar em quais momentos de nossas falas reafirmamos preconceitos, estabelecemos o senso comum e, acima de tudo, conseguimos avançar na reflexão crítica filosófica. Tal ação concede ao professor a oportunidade de evidenciar discussões pautadas na Filosofia que ocorrem no dia a dia dos estudantes, tornando claros assuntos filosóficos que foram trabalhados pelos discentes nos programas, mas não necessariamente foram desenvolvidos para esse fim conscientemente.

Para tais produtos tornarem-se efetiva produção de comunicação, necessitam estar disponíveis em algum lugar acessível a qualquer pessoa, que pode encontrá-los e ouvi-los. Pensando nisso, elegemos a internet e criamos uma página no Facebook chamada Rádio

Latorre, na qual, para cada programa, coloca-se um *link* redirecionado a uma plataforma de hospedagem de áudio denominada Radioteca⁴; trata-se de um portal de intercâmbio de produções radiofônicas que tem como princípio os direitos compartilhados e a construção coletiva.

4.5 Rádio Latorre: entrevistas, matérias e programas dos quais participou⁵

O projeto solidificou-se no ano de 2013, na ocasião em que, desejando participar da IV Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente (Confit), desenvolvida pelo MEC e pelo Ministério do Meio Ambiente e voltada para o fortalecimento da cidadania nas escolas a partir de uma educação crítica, participativa, democrática e transformadora, a rádio promoveu uma série de debates e reflexões com os estudantes a respeito do conceito denominado de “ideias-lixo”, criado pelo professor de filosofia Donizete Soares, do Instituto Gens de Educação e Cultura⁶. Junto ao conceito, foram apresentados aos alunos projetos como Educom.rádio, que disponibilizou para todas as escolas da rede municipal de Educação de São Paulo equipamentos de rádio, assim com o Projeto CBJM, responsável pela inspiração desse projeto escolar.

Nas primeiras gravações, os produtos eram realizados de forma um tanto turbulenta, uma vez que fazíamos transmissões ao vivo pela internet, via *hangouts* do Google⁷, e a escola não possuía condições para essa ousadia tecnológica. Atualmente, realizamos os produtos com um gravador.

Decidimos, então, como iríamos conceber nossa participação na I Conferência Escolar Infanto-Juvenil, ocorrida na EE “Profª Lucy Anna Carrozo Latorre” no dia 3 de setembro de 2013⁸, pois a realização desse evento era uma das obrigаторiedades das escolas que quisessem participar da etapa nacional. O marco desse estágio foi a organização de todos os momentos da cerimônia pelos estudantes, compondo um processo dinâmico de encontros e diálogos com a intenção de debater o desenho da proposta que levaríamos para as etapas regional, estadual e federal. Ao longo do planejamento da I Conferência Escolar Infanto-Juvenil, “estudantes,

⁴ Disponível em: <<https://radioteca.net/userprofile/jeffersonsouza/?page=13>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

⁵ Registros fotográficos das atividades elencadas neste item podem ser encontrados nos apêndices, ao final deste trabalho.

⁶ Disponível em: <<http://portalgens.com.br/portal/>>. Acesso em: 30 set. 2017.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCtB_zhSRpttKUgi-PBwE5UQ/videos?shelf_id=0&sort=dd&view=0>. Acesso em: 5 set. 2017.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/jefferson.d.santana/media_set?set=a.4811286138673.1073741825.1791858844&type=1&l=a595720625>. Acesso em: 1 out. 2017.

professores e demais interessados reúnem-se para dialogar sobre como transformar sua escola em um espaço educador sustentável, constituindo-se, assim, em um lócus privilegiado para aprofundar o debate sobre o tema da conferência em nível local”⁹; deliberou-se coletivamente entre os alunos quem iria representá-los nos encontros subsequentes.

Até aquele momento, não havíamos enfrentado o que viria a ser a nossa primeira barreira em relação à acessibilidade dos estudantes; na época, tivemos a grata experiência de receber, como aluno do 1ª ano do ensino médio, um garoto paraplégico e com dificuldades de fala. Como solução para esse desafio, junto aos colegas de classe e como forma de incluí-lo como participante ativo das aulas, ele foi câmera de *making of* dos programas de rádio; adaptamos uma máquina gravadora e um capacete de *skate* e ele foi conduzido pelos amigos, registrando por meio do seu olhar os momentos de levantamento de pauta dos grupos (ESCOLA LATORRE, 2013).

Em 2014, procuramos desenvolver com os jovens uma aproximação do espírito crítico/criativo, ao levar em consideração a curiosidade e os questionamentos dos discentes como forma de estimulá-los para a abordagem do conhecimento de maneira transdisciplinar, fazendo-os refletir acerca do espaço e do tempo da nossa história, que constrói cotidianamente uma visão de mundo consciente. Como fruto desse trabalho, fizemos parcerias com entidades do entorno da escola; nosso primeiro consorte foi o Sesc Osasco, unidade localizada a poucos metros de distância da escola; junto ao Espaço de Tecnologia e Arte (ETA), realizamos a cobertura jornalística do evento Novembro Negro; entre as atividades, destacamos a entrevista no espaço Valeu Zumbi com o DJ KL Jay, cofundador da banda Racionais MCs (RÁDIO LATORRE, 2014).

Avançando no tempo, em 2015 o projeto realizou uma série de programas na escola¹⁰ e reafirmou os laços estabelecidos com o Espaço de Tecnologia e Arte, entrevistando o coordenador de programação do Sesc Osasco, Laudo Soares (RÁDIO LATORRE, 2015a).

Entre outras atividades realizadas durante esse período, salientamos os exercícios de fotojornalismo e fotonovela com foco nos direitos humanos. Outro acontecimento marcante dessa história foi nossa entrevista para a TV PUC no programa *Diversidades*; a matéria tratou da democratização da mídia, compondo o bloco que pensava o direito à produção de comunicação por pessoas leigas no assunto (TVPUC, 2015).

Essencialmente, 2015 foi um ano atípico, pois até aquele momento o projeto envolvia-se apenas com as questões relacionadas à escola. No entanto, nesse período surgiram com

⁹ Disponível em: <<http://conferenciainfanto.mec.gov.br/2013-2014-iv-cnijma>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

¹⁰ Disponível em: <<https://radioteca.net/userprofile/jeffersonsouza/?page=6>>. Acesso em: 7 out. 2017

grande repercussão nacional as ocupações escolares realizadas pelos estudantes da rede pública de ensino do Estado de São Paulo. Como a nossa escola também seria afetada pela reorganização escolar – ação do governo do estado que gerou revolta nos alunos, pois visava a fechar centenas de escolas pelo território –, tais manifestações geraram nos integrantes do projeto sentimentos que evocaram neles o dever da cobertura jornalística das ocupações nas escolas e das discussões levantadas pelos secundaristas naquele momento histórico. Os programas estão disponíveis no canal do projeto no *site* Radioteca, na internet (RÁDIO LATORRE, 2015b, 2015c, 2015d).

Ainda no segundo semestre do mesmo ano, fomos convidados a participar da Rádio CBJM, no programa que foi ao ar no dia 20 de junho de 2015; junto aos integrantes do CBJM, entrevistamos o professor Donizete Soares (PROJETO CALA-BOCA JÁ MORREU, 2015), autor do livro *Pra discutir e gerar boas conversas em sala de aula* (SOARES, 2014).

Como fato relevante de 2016, o projeto aproximou-se dos movimentos de juventude da cidade, empenhando-se em entender as reivindicações de grupos como Escolas em Luta, Diário da Merenda, Não Fechem Minha Escola, O Mal Educado e o Canal Secundarista; todos esses foram canais que influenciaram direta ou indiretamente os programas de rádio do ano.

Lembramos que a relação entre os programas da Rádio Latorre e as aulas de Filosofia têm seu fundamento no desenvolvimento da destreza na seleção e organização das ideias, responsável pela disposição investigativa do estudante no projeto. O exercício do filosofar na elaboração dos programas de rádio, por sua vez, acontece quando se propõe uma aproximação entre o ensino de Filosofia e a ligação com o “aprender a aprender”, ou “aprender a dúvida”, situados na interrogação filosófica como base desta estratégia. A tática utilizada é buscar unir aquilo que se encontra separado: a função do exercício do filosofar junto com a produção de comunicação é atrelar conceitos distintos entre si. A organização desse modo de conhecer é possível pelo fato de realizar ligações entre as informações.

Alertamos para a forma como foi criada a Rádio Latorre, pois o projeto convida para um debate sobre o ensino que privilegia a separação do conhecimento em detrimento da não ligação dos saberes. Isso porque uma das partes desta concepção de educação é justamente aproximar o campo da pesquisa científica com aqueles que são demonstrados como formas de sínteses subdesenvolvidas da Filosofia.

Ao ignorar os conceitos que relacionam as diferenças sociais do aluno, a escola opera como aparelho ideológico de valores, posturas e visões de mundo, ao acumular conceitos sem ligação entre si e não tornar o saber escolar um conhecimento, mas sim um privilégio social

causador de enorme desvantagem para aqueles que não conseguiram fazer tal ligação, fazendo da organização da informação uma espécie de capital cultural do saber. Consideramos como exemplo para este assunto o percurso histórico e social que nos levou a pensar esta ação na escola. Entre as justificativas para a criação da *web* rádio estão as inquietações relacionadas à alienação e ao senso comum, que impedem que o estudante reconheça o seu próprio contexto social. A escola não é responsável somente pela segregação dos conteúdos – ensinando-os de forma fragmentada, a partir do momento em que decide pela transmissão de um tema em detrimento de outros por meio da imposição das ideias dentro do campo da Educação –, mas também pela intensificação da desigualdade entre os estudantes, evitando seu acesso ao capital cultural dominante que circula em seus espaços.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maior riqueza do homem
 é a sua incompletude.
 Nesse ponto sou abastado.
 Palavras que me aceitam como
 sou – eu não aceito.
 Não aguento ser apenas um
 sujeito que abre
 portas, que puxa válvulas,
 que olha o relógio, que
 compra pão às 6 horas da tarde,
 que vai lá fora,
 que aponta lápis,
 que vê a uva etc. etc.
 Perdoai
 Mas eu preciso ser Outros.
 Eu penso renovar o homem
 usando borboletas.
 (BARROS, 2010, p. 374)

No momento em que teço estas considerações finais, lembro que nas reuniões do Projeto Cala-Boca Já Morreu comentamos por diversas vezes que as pesquisas nunca terminam; seu final é simplesmente uma pausa para a reorganização do pensamento. O pesquisador decide encerrar seu trabalho, mas isso acontece de forma inconclusa. Sempre há mais para se averiguar, ler e investigar.

Neste sentido, penso que estou no início desta pesquisa, pois há muito a ser aprofundado neste campo. Recordo-me do que foi realizado até este momento e do que ainda poderei pesquisar daqui para frente. O fim de uma etapa é ao mesmo tempo início de outra em que novas questões emergem. No caminho percorrido, encontrei motivações e preocupações que ao longo do tempo me fizeram compreender que as dúvidas e incertezas podem instigar-nos a encontrar novas soluções aos desafios com os quais nos deparamos no percurso da pesquisa.

Este estudo apresentou o exercício do filosofar na elaboração de programas radiofônicos nas aulas de Filosofia, considerando a concepção do jovem, por meio da produção coletiva de comunicação.

A elaboração de programas de rádio procurou manter uma dinâmica de interrogação constante entre os jovens, para orientá-los no sentido de organizar o conhecimento a partir da curiosidade, e que esta inquietação não se constituísse apenas

pela via da acumulação de informações, fatos e ideias, mas principalmente pelo debate e articulação, diversidade e multidimensionalidade.

Entre os programas produzidos e o direito à comunicação, entre o pensado pelo jovem e o que lhe é cobrado devido aos diversos conflitos da idade, existem múltiplas possibilidades. Este trabalho embrenhou-se na tentativa de aproximá-los um pouco mais do filosofar, e de religar o que estava solto em fragmentos. A dissertação não buscou trazer somente a reprodução de ideias espontaneístas do senso comum; também não procurou dar conta de uma profissionalização dos estudantes para serem radialistas e locutores. Traçamos uma rota intermediária que tanto valoriza as ideias dos secundaristas quanto as características que lhes são próprias na produção de comunicação. Para o jovem, não há separação entre o momento vivido, com seus conflitos do cotidiano, e a elaboração de uma compreensão. O que eles indagam e reclamam é a aproximação entre os conhecimentos sistematizados apresentados pela escola e a utilidade em suas vidas. Se é possível diminuir a distância entre a teoria e o vivido.

Neste processo, cabe ao professor ajudá-lo na organização destas informações e nos estímulos necessários para continuar seu caminho pelo saber para não ficar apenas com opiniões, mas consiga dar passos no sentido da construção de uma atitude que se debruce sobre as questões que se lhes apresentam. É estimulá-los, nas aulas de Filosofia, a um processo de reflexão, para que sejam capazes de situar as informações e compreender os contextos em que estão inseridas. Relacionar o global com o local, aquilo que vivo na minha comunidade com o que acontece em outros lugares. É procurar fazer uma leitura da realidade articulada aos textos filosóficos, mostrando sua atualidade e utilidade, e possibilitar uma aptidão crítica, que é sair daquilo que é visível apenas no imediato. Propor o exercício do filosofar em programas de rádio é convidar os jovens a visitar uma maneira de pensar que ultrapasse o raciocínio dualista do certo e errado, do bem e do mal, do bonito e do feio, do justo e do injusto, mostrando que a realidade tem vários tons entre o preto e o branco que precisam ser apreendidos, superando a cegueira maniqueísta que não enxerga matizes, diversidades e pluralidades.

A produção coletiva de comunicação vivenciada pela maioria dos estudantes nos anos de escolarização é marcada pelo contraditório entre razão e emoção, entre corpo e mente. Os secundaristas são pessoas inteiras que possuem sentimentos, ideias e percepções que constroem sua visão da realidade. A complexidade também auxiliou a

compreender que é importante religar os saberes, mas só isto não basta: também é necessário ir além, procurando novas formas de pensar e tratar esses conhecimentos.

Neste trabalho, reconhecemos os desafios; contudo, é possível encontrar saídas e/ou novas perspectivas se permanecermos abertos a novas maneiras de pensar e agir. O pensamento complexo, assim como a educação pelos meios de comunicação, permitem essa abertura, demonstrando que o compartilhamento de experiências faz parte da condição humana. Como professores, precisamos nos utilizar de estratégias que não sejam ações iniciais, mas projetos lançados ao longo prazo, desencadeando reflexões permanentes. Aos profissionais da Educação, é necessária uma melhor formação, que os habilite a desenvolver estratégias para enfrentar novos desafios com maior abertura.

Todo o debate sobre a elaboração de programas de rádio, com vistas ao exercício do filosofar, pode colaborar no modo como o adolescente constitui seus pensamentos, fazendo com que seja possível refletir o cotidiano escolar. O pensamento complexo viabiliza o entendimento da comunicação além daquilo que foi exposto no programa, destacando as relações estabelecidas pelos estudantes. Esse debate trouxe à tona a importância de criar espaço para que o jovem tenha voz garantida na sua formação escolar, auxiliando alunos e professores na compreensão da condição humana. Despertar o conhecimento exige um trabalho baseado não só na racionalidade, como também nos desejos, sonhos e emoções. O objeto de estudo desta pesquisa permitiu estabelecer esse vínculo entre conhecimento e a expressão do filosofar.

A preocupação que sempre esteve presente foi se a elaboração dos programas de rádio pode colaborar para o espírito problematizador inerente ao filosofar. As ideias produzidas nos programas contribuíram para o exercício do filosofar? Na revisão da literatura, foram apontadas algumas discussões para o aprimoramento do debate sobre a comunicação criada por jovens estudantes no ambiente escolar. Ao pensarmos em nossa proposta, que é o exercício do filosofar e sua divulgação via internet, vimos que as emoções e os sentimentos dos estudantes puderam ser veiculados nos programas radiofônicos, o que permite dizer o quanto a escola ainda é um espaço propício para apresentar o conhecimento elaborado do jovem.

Inicialmente, o propósito desta investigação era entender quais os efeitos da produção de comunicação coletiva realizada por jovens, mas por meio dos conteúdos produzidos percebemos também que a garantia de espaços para propagação das ideias dentro da escola é mínima, na medida em que o trabalho apresentado pelo professor

encontrava barreiras junto à gestão da escola e de alguns colegas ainda presos a uma visão “engaiolada”, reprodutora e transmissiva do saber, coibindo a perspectiva de circulação de pensamentos livres produzidos pelos discentes.

Geralmente, no ambiente escolar não existe uma compreensão de que a produção de comunicação – pautada mais pela oralidade do que pela escrita – contribui para o ensino de Filosofia. Na educação, os professores ainda têm dificuldade em reconhecer os motivos do uso deste recurso como forma de potencializar ou polinizar a reflexão filosófica.

Para esta pesquisa, o processo de produção de comunicação somente é concluído quando se elaboram os programas de rádio coletivamente, sem estabelecer hierarquia dentro dos grupos, e se publicam tais programas em canais apropriados como parte indissociável deste projeto, pois é na exposição das ideias para qualquer pessoa que garantimos o direito de fala e de construção da reflexão filosófica. O fato de os professores não terem ainda formação que considere a importância da produção de comunicação como forma de aprendizagem faz com que, quando ela acontece no espaço escolar, pareça mais uma intervenção pontual. Quando ocorrem trabalhos de comunicação de forma intencional, eles surgem para desenvolver nos estudantes perspectivas que mobilizem diretamente o processo de criação do jovem.

Lembramos que a experiência da Rádio Latorre foi a forma encontrada para, nas aulas de Filosofia, envolver os estudantes no exercício do filosofar. Dessa forma, percebe-se que este tipo de atividade é formado por processos intencionais; necessita de uma condução planejada por parte do docente responsável pelo projeto. Neste estudo, observou-se que a produção coletiva de rádio também proporcionou a criação de um ambiente em relação ao qual os alunos ficaram curiosos e no qual sentiram-se participantes de uma experiência dinâmica. Os resultados obtidos na escola revelaram que a comunicação coletiva valoriza as pessoas, ensinando, cultivando e praticando a reflexão sobre si e sobre o outro dentro do ambiente vivido. Por fim, percebeu-se uma tendência de melhora na relação entre professor e aluno dentro da escola, pois começaram a se estabelecer trocas mútuas entre as duas partes; o docente percebe o autoritarismo exercido na sala de aula, enquanto o estudante tem a possibilidade e o espaço garantido de fala, podendo expressar aquilo que o incomoda, sobretudo os seus saberes, podendo transformá-los em informação e, posteriormente, em conhecimento.

Já caminhando para o final desta pesquisa, pode-se afirmar que a produção de comunicação coletiva dentro da escola coloca os estudantes como criador de conteúdo, pois buscam repensar os problemas considerados significativos em sua vida por meio de seus olhares. Lembramos que não nos interessa formar adolescentes para serem radialistas ou estudantes de Comunicação. Tal processo nos interessou por ter-se mostrado uma forma possível para trabalhar um olhar voltado à autonomia e à criação dos jovens.

Ilustração 10 – Apresentador imagina a forma como a informação chega à ouvinte



Fonte: KAPLÚN (1998, p. 47).

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALMEIDA, Cleide Rita S. A filosofia como uma das fontes do pensamento complexo de Edgar Morin: a importância da dialógica cultural. **EccoS**, São Paulo, n. 38, p. 189-200, set./dez. 2015.
- ALMEIDA, Cleide Rita S.; PETRAGLIA, Izabel. Complexidade e formação: algumas ideias norteadoras. In: ALMEIDA, Cleide Rita S.; SEVERINO, Antônio Joaquim; LORIERI, Marcos A. (Org.). **Perspectivas da Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 118-132.
- ALMEIDA, Cleide Rita S.; PETRAGLIA, Izabel. (Org.). **Estudos de complexidade**. São Paulo: Xamã, 2006.
- ALVES, Patrícia Horta. **Educom.rádio: uma política pública em Educomunicação**. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2016.
- BACK, Angela Cristina Di Palma. Jornal escolar: modalização do enunciado como estratégia de avaliação do e no discurso. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 35., 21-24 out. 2012, Porto de Galinhas. **Trabalhos**. GT-16: Educação e comunicação. Rio de Janeiro: Anped, 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT16%20Trabalhos/GT16-2365_int.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2017.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. São Paulo: Zahar, 2001.
- BERGES, Damião. **O logos heraclítico: introdução aos estudos dos fragmentos**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.
- BERGSON, Henri. **O pensamento e o movente: ensaios e conferências**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BIANCHETTI, Ana Maria. **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações**. São Paulo: Cortez, 2012.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 1 abr. 2011.

_____. **Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007.** Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando a mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica. Brasília, DF, 24 abr. 2007a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6094.htm>. Acesso em: 1 abr. 2011.

_____. **Decreto nº 79.726, de 26 de maio de 1977.** Regulamenta a renovação do prazo das concessões outorgadas para exploração de serviço de radiodifusão de sons e imagens (televisão). Brasília, DF, 1977. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-79726-26-maio-1977-428650-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 17 maio 2018.

_____. **Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990.** Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Brasília, DF, 1990.

_____. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.** Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1961. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

_____. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF, 1971. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb2>>. Acesso em: 1 out. 2009. Acesso em: 12 dez. 2017.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 17 maio 2018.

_____. **Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008.** Altera o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm>. Acesso em: 1 out. 2009.

_____. Ministério da Educação. **Juventude e contemporaneidade.** Brasília, DF: Unesco: MEC: Anped, 2007b. (Educação para todos, 16).

_____. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio:** ciências humanas e suas tecnologias. Brasília, DF, 2006.

CÂMARA, Luiz Cláudio da Silva; ANDRADE, Marcelo. Entre a cooperação e os conflitos: como professores do ensino médio entendem seus estudantes? In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 4-8 out. 2015, Florianópolis. **Trabalhos.** GT-17: Filosofia da educação. Rio de Janeiro: Anped, 2015. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT17-4433.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

CARTOLANO, Maria Tereza. **Filosofia no ensino de 2º grau.** São Paulo: Cortez, 1985.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Metafísicas canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

CECÍLIA, Maria. **Fédro/Platão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à Filosofia**: ensino médio. São Paulo: Ática, 2013.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Catálogo de teses e dissertações**. Brasília, DF. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

CORTI, Ana Paula. **Diálogos com o mundo juvenil**: subsídios para educadores. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

COSTA, Valcicleia Pereira da. O “Daimon” de Sócrates: conselho divino ou reflexão? **Cadernos de Atas da Anpof**, [s. l.], n. 1, p. 101-109, 2001. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br/parcerias/sbp/pdf/14-valcicleia.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2018.

CUNHA, Antônio. **Dicionário etimológico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Marcos; GONZAGA, Ynaiara; SANTOS, Ivo. *A política nossa de cada dia*. **Fala Negão**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 19, out. 1997. Disponível em: <<http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PFANESP101997001.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2018.

DEVECHI, Catia Piccolo Viero; TAUCHEN, Gionara. O futuro da educação comparada: das interpretações de mundo à comunicação com o outro? In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 4-8 out. 2015, Florianópolis, 2015. **Trabalhos**. GT-17: Filosofia da educação. Rio de Janeiro: Anped, 2015. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT17-4177.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

ESCOLA LATORRE. Estudante da EE “Heloísa Assumpção”, de Osasco. **Radioteca**, 17 nov. 2015a. Disponível em: <https://radioteca.net/audio/radio-latorre_estudante-da-ee-heloisa-assumpcao-de/>. Acesso em: 10 out. 2017.

_____. Grupo de professores EE “Heloísa Assumpção”, de Osasco. **Radioteca**, 17 nov. 2015b. Disponível em: <https://radioteca.net/audio/radio-latorre_grupo-de-professores-ee-heloisa-assu/>. Acesso em: 10 out. 2017.

_____. **Making of**: produção do programa de rádio – Bruno Ramos. Osasco, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8yQ1o-IfG54>>. Acesso em: 4 out. 2017.

_____. Programa de rádio dos estudantes da EE “Fernão Dias”: escola ocupada. **Radioteca**, 15 nov. 2015c. Disponível em: <<https://radioteca.net/audio/programa-de-radio-dos-estudantes-da-ee-fernao-dias/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

FERNANDES, Florestan. **A organização social dos tupinambás**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.

FICHTE, J. G. **O destino do erudito**. Tradução de Ricardo Barbosa. São Paulo: Hedra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FUNARI, Cláudia Vicenza. **A prática da mediação em processos educomunicacionais: o caso do Projeto Educom.rádio**. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GALLO, Sílvio. **A filosofia como criação de conceitos: uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papirus, 2012.

IGLÉSIAS, Maura. **Mênon/Platão**. Rio de Janeiro: Loyola, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Biblioteca digital brasileira de teses e dissertações**. Brasília, DF. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

KAPLÚN, Mario. **El comunicador popular**. Quito: Belen, 1985.

_____. El método de lectura crítica de los medios masivos. In: HERMOSILLA, Maria Elena; KAPLÚN, Mario. **La educación para los medios**. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria de la Universidad de la República, 1987. p. 16-45.

_____. **Una pedagogía de la comunicación**. Madrid: De La Torre, 1998.

LIMA, Grácia Lopes. **Educação pelos meios de comunicação: produção coletiva de comunicação, na perspectiva da educomunicação**. São Paulo: Instituto Gens de Educação e Cultura, 2009.

_____. **Educomunicação: psicopedagogia e prática radiofônica**. Estudo de caso do programa de rádio *Cala-boca já morreu*. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MACHADO, Lizandra. **Plano de negócio: uma abordagem baseada na gestão do conhecimento**. 2012. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

MARÍAS, Julián. **História da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MELANI, Ricardo. **Diálogo: primeiros estudos em filosofia**. São Paulo: Moderna, 2016.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006a.

_____. **As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente**. Porto Alegre: Sulina, 2007a.

_____. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios.** São Paulo: Cortez, 2007b.

_____. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2006b.

_____. **O método 5: a humanidade da humanidade.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **Meus demônios.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Meus filósofos.** Porto Alegre: Sulina, 2013.

_____. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade: epistemologia e complexidade.** Ohio: Taos Institute, 2014.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002.

MORIN, Edgar; PENA-VEGA, Alfredo; PAILLARD, Bernard. **Diálogo sobre o conhecimento.** São Paulo: Cortez, 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração universal dos direitos humanos.** Rio de Janeiro: Unic, 2009.

PENA-VEGA, Alfredo; LAPIERRE, Nicole (Org.). **Edgar Morin em foco.** São Paulo: Cortez, 2008.

PROJETO CALA-BOCA JÁ MORREU - PORQUE NÓS TAMBÉM TEMOS O QUE DIZER! Entrevista Laudo: coord. de programação Sesc Osasco. 2015. **Radioteca**, 29 maio 2015. Disponível em: <https://radioteca.net/audio/lab_latorre_o-que-queremos-para-cidades-de-osasc-2/>. Acesso em: 7 out. 2017.

_____. **[Rádio Cala-boca já morreu] 20 de junho de 2015:** ao vivo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7-UGjATdVJE&feature=youtu.be>>. Acesso em: 10 out. 2017.

RÁDIO LATORRE. Entrevista KL Jay: 06/11/14. **Radioteca**, 11 nov. 2014. Disponível em: <<https://radioteca.net/audio/radio-latorre-entrevista-kl-jay-061114/>>. Acesso em: 17 maio 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a evolução e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: ciências humanas e suas tecnologias.** São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/43/Files/CHST.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2018.

_____. Secretaria da Educação. **Proposta curricular do Estado de São Paulo: Filosofia.** Coord. Maria Inês Fini. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/18/arquivos/Prop_FILO_COMP_red_md_20_03.pdf>. Acesso em: 19 maio 2018.

SEIXAS, Caio Dib de; ORTIZ, Pedro. Da leitura crítica dos meios de comunicação à Educomunicação no Brasil. **Communicare**: Revista de Pesquisa, São Paulo, v. 11, n. 1, P. 127-141, 2011. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/Communicare-volume-11.1.pdf>>. Acesso em: 4 maio 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

_____. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Elisa Drummond Celestino. Práticas pedagógicas e produções colaborativas: reflexões sobre o uso do *smartphone* no contexto escolar. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 4-8 out. 2015, Florianópolis. **Trabalhos**. GT-16: Educação e comunicação. Rio de Janeiro: Anped, 2015. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT16-3569.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

SOARES, Donizete. **Para mudar a escola ou aspectos da ética**. Disponível em: <http://portalgens.com.br/filosofia/textos/para_mudar_a_escola_donizete.pdf>. Acesso em: 16 maio 2018.

_____. **Pra discutir e gerar boas conversas em sala de aula**. São Paulo: Abordagens, 2014. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/10289992-Donizete-soares-pra-discutir-e-gerar-boas-conversas-em-sala-de-aula-abordagens.html>>. Acesso em: 2 jan. 2018.

TRINDADE, José. Êtífron. **Apologia de Sócrates, Críton**. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2007.

TVPUC. **Diversidade**: democratização da mídia. PGM 05 – EP:03. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zMeC71YqXm4>>. Acesso em: 9 out. 2017.

VACCARI, Ulisses Razzante. Os deveres do erudito: filosofia e oratória em Fichte. **Cadernos de Filosofia Alemã**, São Paulo, v. 20, n. 2, 2015.

APÊNDICE A – REUNIÕES DO GRUPO GESTOR DO CBJM (ANOS 1990-2000)



**APÊNDICE B – I CONFERÊNCIA ESCOLAR DA EE “PROFª LUCY ANNA
CARROZO LATORRE” (2013)**



APÊNDICE C – PRIMEIRO ANO DA RÁDIO LATORRE (2013)



APÊNDICE D – ENTREVISTA COM O DJ KL JAY NO SESC OSASCO (2014)

APÊNDICE E – GRAVAÇÕES DA RÁDIO LATORRE E ROTEIROS DOS PROGRAMAS (2015)



ROTEIRO



— **TÍTULO:** O Bullying na Escola

— **Abertura:** NO PATIO. Apresentações dos Participantes

— **Recheio:** Cena 1: Fazer Pergunta sobre o Assunto

— **Encerramento:** Tchau. Boa Tarde!



👉 Roteiro

Título: O uso da Água na Escola

Abertura

Musica 5,6 seg.

INTRODUÇÃO DO TEMA E APRESENTAÇÃO

ATRIZ: RAISSA CÂMERA: LORENA

👉 RECHEIO

CENA 1: APRESENTAÇÃO ATRIZ: RAISSA
E CÂMERA: LORENA LOCAL: Pátio

Transição para sala de leitura.

CENA 2: ENTREVISTA / ENTREVISTADORA:
RAISSA CÂMERA: LORENA

TRANSIÇÃO PARA A QUADRA

👉 CENA 3: MODOS DE COMO ECONOMIZAR
ÁGUA NA ESCOLA

ENCERRAMENTO:
CRÉDITOS - ELENCO:

ATRIZ: RAISSA
CÂMERA: LORENA
PRODUTORA 1: IONE
PRODUTORA 2: ANA

RACISMO

Roteiro



ABERTURA: IDEIAS LIXO NA ESCOLA.

RECHEIO: * Racismo;

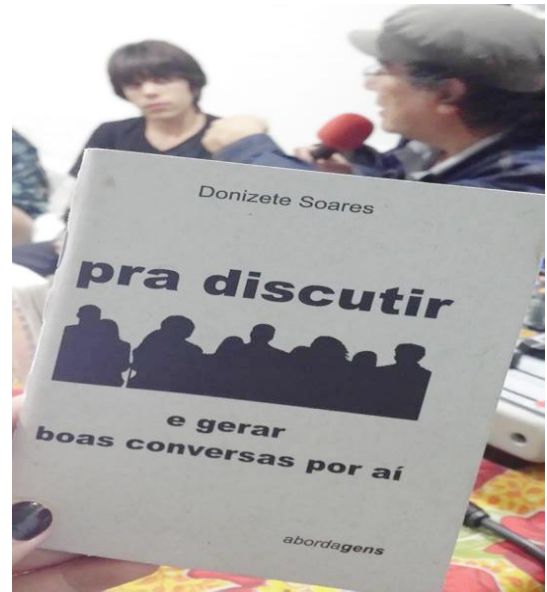
* Homossexual;

* Bullying;

DON'T BULLY...
BE A FRIEND!

ENCERRAMENTO: CÁSSIA ELISA,
LETICIA KENDAL, NATASHA SANTOS, LÉO,

APÊNDICE F – GRAVAÇÕES DA RÁDIO LATORRE (2016)





APÊNDICE G – ENTREVISTA COM O COORDENADOR DO SESC OSASCO (2017)



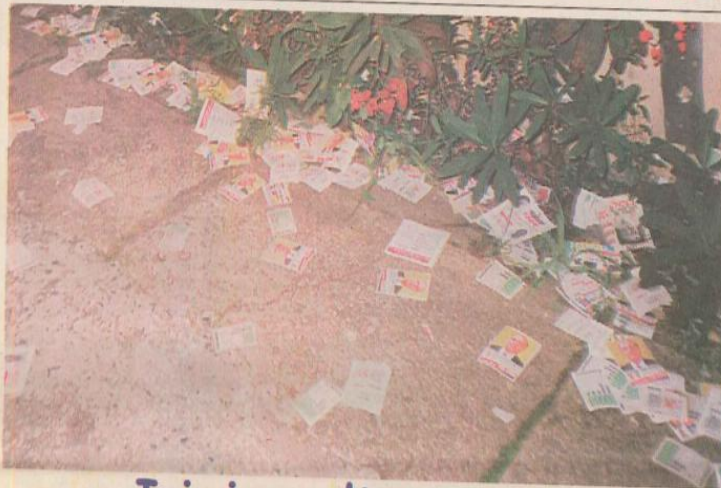
ANEXO A – JORNAL CALA-BOCA JÁ MORREU (2000)

Cala-boca já morreu

- porque nós também temos o que dizer!



São Paulo, maio de 2000
ano 3 - nº 5



Inimigo solto nas ruas

Pessoal, estamos passando por uma invasão: a invasão do lixo, que cada vez ocupa mais espaço, deixando a gente num sufoco...

Socorro! Estamos ficando sem ar!! Exageramos um pouco... Só, que o lixo está cada vez mais nos afetando, mesmo!...

Porém, se a gente se juntar, **conseguiremos a força** para acabar com esse grande inimigo.

Pera aí... Pense bem: nós somos os criadores deste inimigo!

Então, é muito mais fácil do que pensávamos... Para acabar com ele, antes de tudo, teremos que saber matemática!

Matemática???

Calma, estamos apenas brincando! Você só vai ter que fazer alguns cálculos. Por exemplo, se você acha que aquele papelzinho de bala que você chupa na hora do recreio não afeta o ambiente, está muito enganado.

Se cada um pensar que um papel não causará problemas, os papéis que cada um jogou vão se juntar e se transformar numa montanha que pode nos sufocar.

Imagine só!!! Faça as contas!...

Pense com a gente: o seu papel + o meu papel + o papelzinho de outro,

outro e outro, vai virar um montanhão...

O Samuca (Samuel Barreto), da SOS Mata Atlântica, fez a gente ficar de boca aberta ao contar que cada um de nós produz por dia meio quilo de lixo. Isso x 17 milhões de pessoas (que é a população da cidade de São Paulo) vai dar 8.500.000 kg de lixo... Quanto dá isso em toneladas?

Meu! Isso não é um absurdo?!!!



Lixo no mar

O lixo causa problemas para todos nós e até para os golfinhos, que não têm nada a ver com isso.

Sabe aquele plástico transparente que usamos para embrulhar os

lanches? Então, um dia, vai cair no mar e ser comido pelos golfinhos, pensando que é alga. Daí, eles acabam morrendo sufocados, porque o plástico é transparente e tampa a respiração deles...

Você sabia disto?

Quando descobrimos, ficamos **chocados!!**

Lixo no ar

Por incrível que pareça, o lixo acumulado tem muito a ver com a poluição do ar, porque quando queimado, ele solta um gás que machuca a nossa pobre camada de ozônio.

Mas, sobre isso vamos falar noutra edição...

Faça alguma coisa

Você vai ajudar muito, colocando um pequeno saco plástico no carro, para jogar os folhetos que a gente recebe nos faróis, as embalagens dos lanches que comemos, entre tantas outras tranqueiras...

É uma ação pequena, mas se cada um fizer isso vai virar uma ação enorme... faça as contas novamente!!!!

E sabe quem vai ganhar com isso? Nós, você e o planeta!

EDITORIAL

É possível realizar uma proposta de educação pelos meios de comunicação? A resposta é afirmativa.

Rádio, vídeo, jornal e internet são linguagens e tecnologias que possibilitam grandes resultados, se considerarmos a assimilação de informação e, principalmente, a formação de atitudes frente à vida e às pessoas.

Este jornal prova isso: para a sua elaboração, as crianças e adolescentes se envolveram em inúmeros exercícios de discussões coletivas, de tolerância, de superação de vaidades, de partilha de conhecimentos...

No processo, o grupo vem entendendo que falar é tão importante quanto escutar, e escrever tem o mesmo valor que desenhar, digitar, fotografar...

Quanto a nós, vamos nos convencendo, cada vez mais, de que é preciso contribuir para que as produções dos mais jovens sejam publicadas, sejam ouvidas, respeitadas e inseridas entre as falas dos adultos que, pela comunicação, constroem o mundo...

Grácia Lopes Lima
Psicopedagoga,
Coordenadora geral do Projeto

Outras atividades do Projeto

- OFICINA DE INTERNET
Parceria com o NCE- Núcleo de Comunicação e Educação, ECA/USP; construção de site para Intercâmbio Brasil-EUA.

- OFICINA DE RÁDIO
Elaboração e realização de série especial sobre pilhas, a ser veiculada em rádios e escolas.

Participação especial no programa *Terra, Mar e Ar*, na Eldorado AM, 700 MHz, com Samuel Barreto, da SOS Mata Atlântica.

- 2º CURSO DE SAÚDE PARA RÁDIOCOMUNICADORES COMUNITÁRIOS

promovido pela OBORê e Faculdade de Saúde Pública da USP
Participação de Bruno, Isis, Jefferson, Liz, Maira e Tiago.

ANEXO B – JORNAL CALA-BOCA JÁ MORREU (MAIO 2000)

cala-boca já morreu - maio/2000 - p.3

SE ESSA RUA FOSSE MINHA...
R. Caetanópolis - Jaguaré - São Paulo - SP



Repórter CBJM: O que vocês acham do trecho da Rua Caetanópolis entre a São Fidélis e a Chafariz?

Aparecida Vicente de Carvalho: É legal, porque o asfalto é bom, tem árvores; porém, precisa de reparos. Por exemplo, é preciso tampar uma certa valeta, fazer lombadas e, principalmente, faróis. **CBJM:** Por que você acha isso?

Aparecida: Porque o movimento dos carros aumentou.

Maria do Socorro Rodrigues: Eu acho que deveria ter farol, lombadas, segurança e o fim da valeta, em frente ao balãozinho.

Sílvia Vale: Eu acho boa porque é asfaltada, mas tem um problema

CBJM: Que problema é esse?

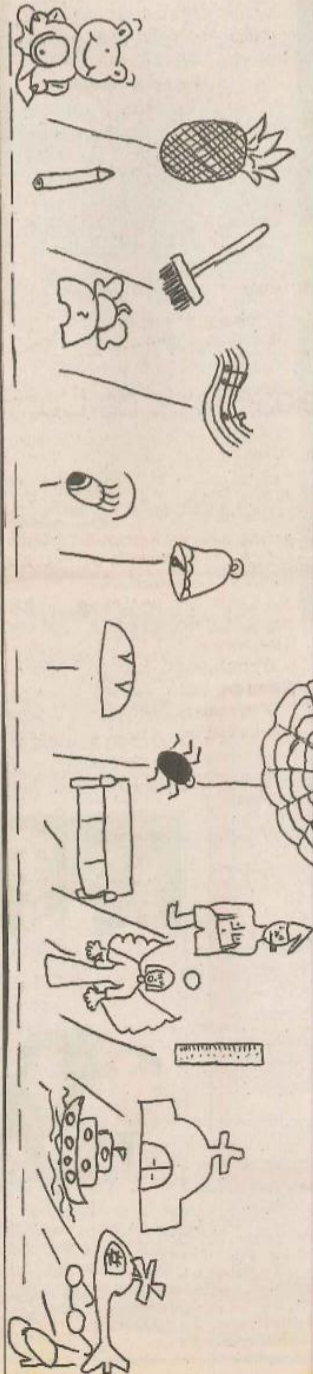
Sílvia: Tem uma certa viela que necessita de asfalto, pois as pessoas a usam para cortar caminho e chegar até o supermercado e a padaria.

Benedito Salvador Picoli: É uma rua ótima para morar, mas após o término da construção dos prédios, o movimento da rua aumentou muito. Há necessidade de algumas mudanças antes que ocorra o pior.

CBJM: Alguns carros transitam sem o menor cuidado no cruzamento da Caetanópolis com a São Fidélis. É preciso um farol urgente, pois por enquanto ocorreram acidentes leves, mas com o aumento dos carros tende a ficar perigoso. Em frente ao balãozinho há uma valeta onde os carros desviam sem a menor preocupação, e quem está passando muitas vezes é obrigado a pular pra não ser pego pelos carros que passam com tudo... com certeza, a placa ali colocada para avisar sobre a valeta está sendo inútil e nós, moradores, ficamos indignados com a falta de consciência de certas pessoas...



Forme uma frase, colocando a primeira letra de cada desenho.



ACORDA, MEU FILHO!

Agora você, leitor, irá ler reclamações feitas pelas crianças de 7 e 8 anos que participam do projeto. Mesmo desse tamanco, já sabem defender seus direitos!



* Por que será que na maioria dos banheiros só tem pia para gente grande? Devia ter pelo menos uma pia menor!

* Quando estamos na calçada, os ônibus passam muito rápido! Assim parece que eles vão cair em cima da gente...

* Na hora do recreio da escola, as pessoas maiores sem querer, e muitas vezes por querer, derrubam as menores. Bem que elas podiam tomar mais cuidado com as crianças pequenas!

* Esta reclamação, com certeza, deve ter acontecido com você ou com algum amigo: no banheiro, muitas vezes, ficamos trancados, porque o trinco é muito duro! Se colocassem um trinco mais fácil de ser aberto, esse tipo de problema acabaria.

* Muitas vezes, abrimos a torneira de um banheiro e sai água suja... Além disso, as vezes, a gente acha chiclete grudado na torneira... Isso é muito nojentol! As pessoas podiam ter mais higiene e ser mais educadas. E isso de grudar chiclete não acontece apenas na pia, não! Acontece, por exemplo, debaixo da carteira... É horrível! Se fosse na casa da pessoa, com certeza ninguém ia fazer isso! Agora, só porque é na escola, são mal educadas desse jeitol...

Descubra quantas vezes a palavra **TOMATE** aparece.

T	O	M	A	T	E	T	O
O	L	M	A	O	A	H	E
M	M	E	L	M	T	E	T
A	T	O	M	A	T	E	A
T	A	M	O	T	R	U	M
E	O	M	A	E	O	H	O
F	S	E	T	A	M	O	T

“Se essa rua fosse minha” era o título da coluna do Jornal Jaguaré na qual publiquei minha primeira matéria como integrante do Projeto Repórter Mirim. No mesmo mês, maio de 2000, ela também foi publicada no jornal do Cala-boca Já Morreu.

ANEXO C – JORNAL ACONTECE POR AQUI (JAN 2000)

*Faça arte
no Gens
Cursos de desenho*

Agende uma aula grátis
Leia p. 7

acontece *por aqui*

Educação, Cultura & Lazer - São Paulo - SP - janeiro de 2000

Projeto "*Cala-boca já morreu!*" faz intercâmbio com escola dos EUA



Fazendo programa de rádio



Fazendo programa de tvê



Fazendo jornal

Os adolescentes do projeto "*Cala-boca já morreu - porque nós também temos o que dizer!*" que, desde 1995, exercitam a comunicação fazendo rádio, vídeo e jornal, a partir de janeiro de 2000, estão iniciando uma nova atividade.

Com a assessoria do NCE - ECA/USP e supervisão do Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, o grupo passa a integrar o **Projeto de Intercâmbio** entre adolescentes brasileiros e os da *John Marshall High School*, da cidade de Milwaukee, Winconsin, EUA, abordando o tema **Poluição do Ar e os Automóveis**.

O que se pretende é implementar um trabalho de introdução dos alunos no uso e na análise, desta vez, da internet.

(continua na página 4)

O que é isto?

O *Acontece Por Aqui* é um boletim informativo de educação, cultura e lazer, *sem fins lucrativos*.

Tem dois objetivos: divulgar ações comprometidas com o exercício da cidadania e apoiar o "*Cala-boca já morreu - porque nós também temos o que dizer!*", viabilizando economicamente a impressão de jornal feito por crianças e adolescentes, conforme proposta de Educação Pelos Meios de Comunicação.

Para realizá-los, convidamos pessoas físicas e jurídicas para publicarem anúncios de produtos e serviços. Os valores arrecadados são destinados a cobrir os custos com gráfica e distribuição dos dois informativos - já que, propositalmente, o "*Cala-boca já morreu!*" não divulga mensagens publicitárias.

A partir desta edição, o *Acontece Por Aqui* passa a ser bimestral e distribuído de forma dirigida e gratuitamente em residências e estabelecimentos comerciais e de serviços da região. Instituições de educação, cultura e lazer recebem o informativo via correio.

O *Acontece Por Aqui* é mais um serviço do GENS, visando a contribuir para o resgate e valorização da produção cultural do nosso povo.

Aceitamos críticas e colaborações.

Prof. Donizete Soares,
diretor do GENS



Gens
SERVIÇOS
EDUCACIONAIS

**há 14 anos escrevendo
a história com você...**

Av. Corifeu de Azevedo Marques, 5534 - Jaguaré
São Paulo - SP - CEP 05340.002 -
Tel: (11) 819 3098 - 869 8158 - E-mail: gens@pratica.com.br

PROJETO AMPLIAR, PAG 5

PROJETO RECOMERCAR, PAG 7

PROJETO AUTOGESTÃO, PAG 7

O jornal *Acontece por Aqui* era de responsabilidade do Instituto Gens de Educação, Cultura e Lazer, veículo de comunicação que sempre acompanhava o CBJM em suas atividades. Essa edição publicou o intercâmbio feito pelo CBJM com um adolescente da John Marshall High School, da cidade de Milwaukee, Winconsin, Estados Unidos, com quem debatemos sobre poluição do ar e os automóveis.

ANEXO D – JORNAL ACONTECE POR AQUI (MAR 2000)

acontece por aqui - março de 2000 - p.05

O "Cala-boca já morreu!" continua firme.

Os adolescentes da segunda fase do Projeto "Cala-boca Já Morreu!" continuam indo ao Internet By Hour, no Shopping Continental, para produzir o seu site.

Mariana Carmasciali, 14



Utilizando a linguagem html, a garotada fica cada vez mais entendida no assunto e também vai ganhando mais autonomia para trabalhar com a Internet.



Tiago Lolio, 15

A fase mais criativa do design de páginas web (colocação de fundo, de imagens e de som) tem tomado a maior parte do tempo, além de ser uma tarefa cada vez mais instigante.

Callhandra Ávila, 13



Enquanto isto, novos parceiros tomam parte neste projeto, de responsabilidade do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), da USP. Agora os salesianos de Belo Horizonte também se preparam para entrar no projeto, cujo parceiro americano Indian Trail Academy de Kenosha; Estados Unidos, uma High School, especializada no ensino dos meios de comunicação para adolescentes, entra no projeto com sessenta jovens, alguns entre os quais também farão parceria com o projeto "Cala-boca Já Morreu!"



Luana Maira, 14

Por isso, com a diversidade de parceiros (primeiro a John Marshall High School e agora a Indian Trail Academy) o "Cala-boca" espera envolver não apenas os adolescentes da fase II, como também o grupo da fase I.



Isis Lima Soares, 13

Inicialmente, eles participarão com fotos (como as que o grupo já tirou), com pesquisa e, finalmente, com a participação na produção do site, momento em que os mais velhos que começaram a tomar a frente do projeto ensinarão também os menores a serem bons usuários da Internet e, mais do que isso, a utilizá-la como meio de educação pela comunicação.



Alguns dos integrantes do Projeto "Cala-boca já morreu": Jeferson, Renata, Bruno, Tiago, Melina e Liz

Como se vê, estamos todos de parabéns. Na próxima edição, continuo a contar as novidades.

Silvia Ferreira Lima,
pesquisadora do NCE / ECA / USP e coordenadora da Oficina "Internet"

unidade
CORIFEU**FARMAIS**

Disk-entregas s/ taxas

268 2079**869 1832**de 2ª a sábado,
das 7 às 22h30;
aos domingos,
das 8 às 20hMedicamentos,
perfumarias com
preços especiais.
Bronzeadores, filtros
solares e tinturas com
preços promocionais.Av. Corifeu A. Marques,
5052 - Jaguaré - S.Paulo**Vera's Instituto de Beleza**Cortes modernos, reflexos, tinturas,
depilação, penteados, maquiagem,
manicure, pedicure e podólogo.*Vera
&
José*Av. Corifeu A. Marques, 5647 - salas 9 e 10
Tel: 268 2737 - 3766 9787**PROJETO AUTOGESTÃO**

Cursos de qualificação profissional

Desenho Artístico

Ilustração

Pintura a óleo

Aerografia

História em Quadrinhos

Desenho de Modas

Av. Corifeu de Azevedo Marques, 5534
Tel: 819 3093 - 869 8158

ANEXO E – PROJETO DA EE “PROFª LUCY ANNA CARROZO LATORRE” PARA A IV CONFERÊNCIA NACIONAL INFANTO-JUVENIL PELO MEIO AMBIENTE

Projeto *As águas do nosso entorno*

Apresentação

Nosso projeto tem como objetivo, numa perspectiva socioambiental, partir dos estudos a respeito das águas da escola e do seu entorno, com vistas ao entendimento das estreitas relações entre as formas de relacionamento das pessoas nos espaços em que elas ocupam e os danos ambientais visíveis nesses lugares.

A Conferência na Escola Estadual Lucy Anna Carrozo Latorre

Data de realização: 22 de agosto de 2013

Número de participantes: 200 estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio + professores.

Objetivo: definir o projeto de ação visando a nossa participação na IV Conferência Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente

O projeto de ação

Definimos montar programas especiais na Rádio Latorre tendo o tratamento de água como foco, fazendo ligações entre esse tema e o modo como nos relacionamos uns com os outros. Estruturamos os programas para servirem de pesquisa sobre como a água é usada no nosso bairro e quais são e onde estão as nascentes locais; comparação de dados locais com os das águas no Brasil²; estabelecimento de parcerias da escola com outros projetos/empresas que trabalhem com o tema para visitas, conversas e outras possibilidades; sessões de filmes e documentários que proporcionem aprofundar o conhecimento do tema. Junto a todas essas descrições, compreendemos que este também é o momento para que todos da escola reflitam a respeito dos problemas internos dela. Pensamos não ser possível construir uma escola sustentável sem também pensarmos e cuidarmos das nossas relações sociais dentro deste espaço, pois sentimentos como ciúmes, raiva, ódio, competição e agressão geram preconceitos e explicam os danos ambientais visíveis nas águas do nosso entorno.

O processo de realização da conferência na escola

Entendemos que a conferência escolar possibilitou a professores e alunos constituírem o seu próprio conceito de escola sustentável, pois estabeleceu-se nesse espaço um diálogo visando à

igualdade entre as pessoas e ao respeito das opiniões de alunos e professores para uma outra concepção de escola possível, na qual é preciso lidar com temas como, por exemplo, competições de poder.

Aproveitamos a ocasião para aprimorar nosso conceito de responsabilidade socioambiental, refletindo durante um longo período sobre os modelos adotados por nós e pelas outras pessoas para conceber tais questões.

Compreendemos, assim, não ser possível realizar bons projetos para uma vida sustentável sem antes entender as causas que motivam as destruições do meio ambiente.

Após intensas conversas, acreditamos ter obtido clareza sobre quais problemas ambientais devem ser priorizados na nossa escola.

Tais certezas nos motivam a afirmar que não adianta criar projetos visando à preservação ambiental sem paralelamente pensar os verdadeiros motivos que mobilizam a sua destruição.

Entendemos como necessidade para nossa formação compreender quais ideias estimulam essas ações de destruição. Para nós, questionar o consumismo, por exemplo, significa criar caminhos possíveis para estabelecer uma nova concepção de responsabilidade socioambiental. Começamos, a partir da experiência de realização da Conferência Escolar, a discutir ideias que, do nosso ponto de vista, denunciam o modelo de vida adotado pela maioria das pessoas para lidar com o ambiente em que vivem.

Conversamos durante vários programas de rádio, pensando a forma como os grandes meios de comunicação sociais passam a ideia de que precisamos consumir a todo momento.

Para os grandes destruidores ambientais, ou seja, para os grandes conglomerados empresariais, os problemas ambientais são tratados como algo a ser solucionado constantemente por meio de campanhas para o consumo sustentável ou prêmios para projetos que solucionam a destruição ambiental, desfocando as questões do meio ambiente das relações estabelecidas entre as pessoas.

Após levantarmos a problemática do consumismo, nos questionamos durante longas conversas sobre o porquê de não ser interessante para as grandes multinacionais discutir as relações de consumo, competição e desigualdade entre as pessoas, e sim a criação de projetos para solução do lixo, energia, água, rios etc.

Tivemos clareza, então, de que enquanto nossos olhares estiverem fixos somente nos problemas relacionados ao pós-uso dos recursos naturais, continuaremos na promoção da destruição da natureza, deixando de lado as questões que motivam a destruição ambiental.

Usamos como base dessa discussão a problemática desenvolvida na filosofia denominada de “ideias lixo”. Tal conceito tem como base questionar as ideias responsáveis pela destruição do

meio ambiente, aquelas que estão nas nossas cabeças, nos levando a pensar, a ser e a agir de acordo com esses conceitos destruidores de pessoas, a começar por nós mesmos.

Depoimento da aluna Samara Rocha, 14 anos - 8ª série/9º ano sobre o processo da conferência na escola:

“Bom, por onde começar!? Um evento pequeno, porém bonito e de tantos frutos, que nós alunos iremos colher no nosso futuro. No começo, quando ouvi dizer que iria ser um evento sobre o meio ambiente, pensei como a maioria: ‘ah! Vai falar sobre água, plantas e árvores, animais também’, mas depois de algumas explicações do professor pude ver que não era só isso, que os nossos lugares de convivência, tais como a escola, nossa casa, parques, áreas de lazer, também fazem parte do meio ambiente.

Esse evento foi justamente para a escola (alunos, professores, funcionários...) discutir o futuro do nosso meio ambiente; aqui teve música, palestra, grupos de fotografia, desenhos e cartazes, produção, teatro.

A palestra foi ótima e produtiva, claro que para quem prestou atenção e entendeu, falaram sobre ‘lixo’, as ideias ‘lixo que está na nossa cabeça’, os pensamentos, como o consumismo que é a base de tudo, da ignorância, do preconceito, competitividade, querer sempre ser melhor que o outro, utilizar seu corpo como cabide usando roupas de marcas e de ‘modinha’, entre tantas outras coisas.

Foi bom colaborar para que tudo isso acontecesse; foi corrido e cansativo, mas no final tudo valeu a pena, ver outros alunos se interessando e ajudando para que o evento acontecesse de tal forma planejada, a meu ver ficou um lindo trabalho.”